

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU

INSTITUTO DE ARTES – IARTE

CURSO DE GRADUAÇÃO EM DANÇA

BRUNO AUGUSTO SOARES DOS REIS RIBELA

CORPO PRETO E BIXA

Intersecções de uma bixa preta

Uberlândia/MG

Janeiro de 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU

INSTITUTO DE ARTES – IARTE

CURSO DE GRADUAÇÃO EM DANÇA

BRUNO AUGUSTO SOARES DOS REIS RIBELA

CORPO PRETO E BIXA

Intersecções de uma bixa preta

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para avaliação na disciplina de Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Bacharelado em Dança da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Orientador: Prof. Dr. Jarbas Siqueira Ramos

Co-Orientação: Whander Alípio Sulurico Silva

Uberlândia/MG

Janeiro de 2023

RIBELA, Bruno Augusto Soares dos Reis. **Corpo preto e bixa: Intercções de uma bixa preta**. Trabalho de Conclusão de curso. Universidade Federal de Uberlândia, 2022. --- p.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para avaliação na disciplina de Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Bacharelado em Dança da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Orientador: Prof. Dr. Jarbas Siqueira Ramos

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jarbas Siqueira Ramos (Orientador)

Prof. Dr. Alexandre José Molina (Curso de Dança - UFU)

Prof. Dr. Victor Hugo Neves de Oliveira (Curso de Dança - UFPB)

Whander Alípio Sulurico da Silva (Artista Convidada)

Uberlândia/MG
Janeiro de 2023

O QUE PODE UM CORPO SEM JUÍZO?

Jup do Bairro

O que pode um corpo sem juízo?
Quando saber que o corpo abjeto
Se torna um corpo objeto e vice versa?
Não somos definidos pela natureza assim que nascemos,
Mas pela cultura que criamos e somos criados.
Sexualidade gênero são campos abertos de nossas personalidades
E preenchemos conforme absorvemos elementos do mundo ao redor.
Nos tornamos mulheres ou homens
Não nascemos nada,
Talvez nem humanos nascemos.
Sob a cultura, ação do tempo, de espaço,
História, geografia, psicologia, antropologia
Nos tornamos algo,
Homens, mulheres, transgêneros, cisgêneros,
Heterossexuais, homossexuais, bissexuais
E o que mais quisermos
pudermos ou nos dispusermos a ser.
O que pode o seu corpo?

AGRADECIMENTO

Gostaria, em primeiro momento, agradecer ao meu eu criança que sobreviveu e teve forças para continuar por estes caminhos, aprendendo a existir em sua inexistência. Mesmo sem saber os por quês, seguiu aumentando suas forças, utilizando de suas feridas como método de sobrevivência.

Este trabalho existe a partir de vozes, vozes de irmãs bixas pretas que aceitaram me encontrar e fazermos fabulações de nossas vidas. Agradeço imensamente por poder ouvir e compartilhar com vocês: Luís Eduardo; Marcelo Ferreira; Lucas Guzzo e Matheus Dellaveck. A toda turma de estágio, alunas e professoras presentes, que me acompanharam e auxiliaram na construção do trabalho UM CORPO. Obrigado Alexandre Roiz pelos olhares e retornos para o desenvolvimento do trabalho artísticos Um Corpo.

Agradeço a minha mãe Ana Lúcia, mulher preta, guerreira, que sempre acreditou em mim e em meus sonhos. Você mãe, com seu apoio e suor, me possibilitou essa realidade, me formar em uma graduação em Dança, estar onde estou. Sem você, isto jamais seria possível. Ao meu pai e meu irmão, com o qual sempre pude contar com a ajuda. Agradeço especialmente por todos os nossos momentos vividos em família e todos os ensinamentos que pude aprender com vocês.

Um agradecimento especial a minha desorientadora mestra Transvestygênera Preta-Feminina-TestyCULada Whander Alípio, que através de questionamentos, olhares, retornos e apontamentos me possibilitou realizar este trabalho de conclusão de curso. A sua presença nessa escrita foi primordial, sua existência no meio acadêmico foi uma grande referência para mim, obrigado por estar presente nestas fabulações fracassadas. Agradeço ao meu orientador Jarbas Siqueira, que aceitou meu convite, me mostrando caminhos pelos quais precisei passar para que conseguisse chegar ao final desta escrita. Muito Obrigado Victor Hugo Neves de Oliveira por aceitar fazer parte da banca deste trabalho, poder contar com sua presença é de tamanha alegria. Alexandre José Molina, suas colaborações na pré-banca foram de extrema importância, suas palavras foram inspiradoras e tranquilizantes, muito obrigado por também fazer parte deste momento.

RESUMO

Esta pesquisa é estruturada enquanto um memorial, tendo como principal objetivo debater a hipersexualização do corpo preto bixa. Para desenvolvimento utilizo a autobiografia, revisito memórias pessoais realizando uma escrita mais livre e poética, construindo pequenos ensaios para contextualização, podendo reconhecer e problematizar os atravessamentos da minha existência enquanto uma bixa preta nas minhas experiências de vida e arte. Utilizo da análise de questões sociais como, racismo, discriminação de sexualidade, racismo recreativo, hipersexualização do corpo preto, performatividade social, através do conceito de intersecção para compreender o que constitui quando pensamos a bixa preta e como essa se torna assim uma falha CISTêmica. Em outro momento realizo o compartilhamento de dois trabalhos artísticos desenvolvidos em paralelo a esta escrita, contendo como disparadores as análises e fabulações presentes no texto. Recorro a autores como, Adilson José Moreira, Silvio de Almeida, Carla Akoutirene, Megg Rayara para um melhor entendimento destas discussões. Ao final, apresento como uma possibilidade de reflexão sobre como vida e arte se entrelaçam/interseccionam na construção política dos corpos de bixas pretas, e sobre como as produções artísticas desenvolvidas dessas experiências são parte da compreensão política destes corpos na cena e na vida.

Palavras-chave: Hipersexualização. Bixa Preta. Corpo. Racismo. Interseccionalidade.

SUMÁRIO

5, 6, 7, 8.....	7
O QUE ME FEZ CHEGAR ATÉ AQUI?.....	9
O QUARTO DAS BAILARINAS	10
EM ORBITAS	13
FLUÍA	16
O MAIS ALONGADO.....	19
H X H, SIGILOSA, NÃO AFEMINADOS	21
DIA DE SOL.....	24
CHAVEIRINHO GAY.	26
O QUE É UM CORPO PRETO EM CENA?	29
META NÚMERO UM: O CORPO DO HOMEM PRETO	33
META NÚMERO DOIS: A BIXA.....	38
META NÚMERO TRÊS: DESATANDO OS NÓS	44
UM CORPO.....	56
MAIS UM DIA	74
AONDE CHEGAMOS?.....	77
REFERÊNCIAS	79

5, 6, 7, 8

Olá!

Meu nome é Bruno Augusto Soares dos Reis Ribela, tenho 21 anos e sou graduando no curso de Dança da Universidade Federal de Uberlândia. Farei essa explicação de forma simples pontual e direta. Desde criança sempre amei dançar, aos onze anos entrei na dança de salão, um professor de dança me viu em um baile da igreja dançando com minha mãe e me ofereceu a oportunidade em aprender com ele, sendo bolsista. Não paguei uma aula sequer durante os sete anos que estive em sua academia.

Os anos se passaram e meus estudos em dança se aprofundaram. Meu desejo de estar em cena dançando cresceu a cada dia e trabalhar com essa área se afirmou enquanto uma possibilidade para mim. Quando estava na metade do terceiro colegial, descobri que existia faculdade de dança, pesquisei em quais universidades existiam esses cursos e descobri, para minha surpresa, que tinha um curso na UFU, uma faculdade perto da minha cidade natal, Uberaba. Com isso decidi qual seria meu próximo passo após me formar no ensino médio. Passaram-se oito semestres, cinco anos, dois deles em período de pandemia. Chego ao final da graduação e tenho que escrever um Trabalho de Conclusão de Curso. É através dele, um texto com páginas e mais páginas escritas, que dirão se todo meu esforço, dedicação e aprendizado me qualificam a receber meu diploma de bacharel em Dança.

Olho para o meu passado novamente e não sei se um texto é capaz de me validar. Palavras sequenciadas e ordenadas devem conseguir mostrar o quão apto estou? Particularmente me sinto incomodado a ser resumido a estas páginas; afinal, o que escrevo aqui são partes de mim, pensamentos, tempo, energia, esforço... logo, você que lê não está somente diante de um amontoado de palavras, está diante de mim. Qual a sensação de me ter em suas mãos? Eu já deveria ter me acostumado a esta sensação tão comum, isso não deveria me causar incômodos, ser resumido, a não passar somente daquilo que seus olhos veem.

Quando se pensa em uma pessoa o que vem em sua mente? Sinto que todas as suas complexas nuances são entendidas, vistas, a pessoa habita automaticamente um lugar na realidade, em outras palavras, ela tem uma vida que é respeitada. CORPO, essa palavra remete a resumo, quando pensamos no corpo tendemos a não levar em consideração o interno, a mente da pessoa, seus sentimentos, vemos somente a matéria, igual a um necrotério que trabalha com o corpo, cria um distanciamento, o que está ali não é mais uma pessoa. Eu sou uma pessoa, mas me sinto como um corpo.

Me pergunto: O que eu poderia saber falar que seja capaz de me avaliar; que indique e mostre todos os meus saberes? Ou então, que através de um discurso consiga sustentar os meus próprios pensamentos. Quer saber uma coisa que aprendi durante minha graduação? Que o corpo fala. Melhor, o corpo sempre é lido. Por mais que eu grite, o som não será o suficiente para trazer total informação, meu corpo também gritará junto. Percebo que eu sendo preto jamais serei neutro.

Eu preto, indiferente do meu trabalho, terei sempre a informação da cor. Se eu gosto disso? Não. Não gosto pelo fato de que sou mais que meu corpo. Sou a somatória do interno com o externo, que sucede a quem vos fala. Se meu corpo fala antes da minha voz, decido aqui colocá-lo em foco. Cheguei onde cheguei tendo um corpo, que indiferente das cenas que vivi, das performances que realizei em cada momento de minha vida, muitas sendo criadas ali mesmo de frente para a plateia que sempre me assistiu, atenção ao máximo, buscando ao simples sinal que seria capaz de desmontar todo o meu espetáculo de vida.

Decido aqui jogar com as cartas que tenho, melhor, com o corpo que tenho. Vejo que tenho um corpo, que fala, que grita mais que a voz, que será sempre integrado ao espaço que se encontrar. Se cheguei aqui, meu corpo muito falou. Concorda?

Não posso simplesmente olhar para meus caminhos percorridos e lhes dizer de forma objetiva tudo que me fez chegar até aqui. Pessoas estiveram por onde passei, pessoas estas que a mim foram cortes, algumas que deram força, outras eram luzes que estiveram lá, me guiando. Não posso me permitir continuar a falar a você, olhos que me percorrem, pois não falo só de mim, em mim tem muitas outras. Meu caminho se bifurca, se perde e em círculos vem a percorrer, não tenho um mapa para mostrar o caminho ou que possa ser decifrado, se eu ousasse tentar te mostrar não seria algo além de um rabisco de giz de cera, feito por mãos jovens de uma criança que ainda tem muito a aprender. O caminho que trilhei até hoje se constitui de vários outros caminhos, e reconheço que para chegar aqui eu precisei estar perdido. Então me pergunto, onde estou se não sei nem ao certo para onde quero ir?

Sinto que estou me perdendo, reiniciarei minha escrita.

O QUE ME FEZ CHEGAR ATÉ AQUI?

Aqui cheguei. Sentado digitando sobre um passado simples para que você, alguém que lê em um futuro talvez não muito distante, acesse informações que te darão respostas sobre discussões que espera encontrar nestas páginas brancas. As reflexões aqui presentes são guiadas por vozes que se perdem, se esquecem, se confundem, que não são únicas, não esperam o silêncio para falar, que uma sobre a outra tentam conseguir minha atenção. Se cheguei onde cheguei não foi por simples, compreensíveis e retos caminhos. Uma explicação simples não sustenta o que tenho a dizer, preciso revisitar pontos, momentos e falas que de tanto esforço em não lembrar, me retornam como um borrão, uma foto amarelada já muito desbotada encontrada no fundo de um álbum, guardada dentro de um armário.

Uma coisa posso te afirmar: foi com as minhas complexas desorientações que cheguei até aqui. Não te digo que meu caminho seja difícil de entender, não tenho nada de extraordinário e surpreendente em minha história, porém para o caminho que trilhei muitas batalhas tive que perder, do sangue ao coração tive que dar, **apanhar, morrer, resistir e existir**. Um corpo, uma falha, um erro. Assim segui, tentando sobreviver em um emaranhado que constitui a minha realidade. Para uma explicação mais precisa, precisarei voltar um pouco no tempo. Essa escrita se iniciará pelo desejo, o **DESEJO** de uma criança.

O QUARTO DAS BAILARINAS

Quando criança, por volta dos quatro anos, eu era levado à casa de uma Tia, ela morava com suas cinco filhas, as ANES. Esta tia é irmã de meu pai, uma família bem grande composta por treze irmãos ao todo, entre cinco homens e oito mulheres. Minha família paterna tem o costume de brincar com os nomes de seus filhos, sempre colocando iniciais, terminações, sonoridades semelhantes. Minha tia junto com suas filhas me vigiava sempre que minha mãe precisava. Amava ir lá aos finais de semana, uma casa com cinco primas, todas mais velhas, cheia de brinquedos, camas para me esconder. Lá eu brincava de boneca, comia bolo, lanches, assistia a filmes e novamente voltava a brincar.

Todas as minhas cinco primas eram bailarinas. Completas, de tutus à ponta. Seus longos cabelos sumiam aos olhos, em coques bem feitos sem um fio fora do lugar. Elas tinham um quarto, um quarto que ficava fechado, lá era um mundo mágico, elas entravam e saíam lindas, bonecas gigantes, arrumadas, maquiadas, perfumadas com um lindo sorriso no rosto. Sendo bailarinas, seus figurinos eram comprados, feitos sob medida, após as apresentações eles eram guardados em araras, envoltos em plástico para não estragar. Olhava para aquela porta que sempre estava fechada e quase que conseguia ouvir uma voz me chamando, uma vontade de me perder entre as roupas, maquiagens, uma sensação de que assim que ultrapassasse a porta eu estaria em uma outra realidade, um mundo novo. Este quarto era o meu sonho. Tutus, pontas, cores e alegria; foi nesse exato momento que meu coração bateu mais forte. Quero ser igual a elas! Tenho uma vaga lembrança de algumas das minhas primas me ensinando pirueta, tentando me alongar. Não sinto que na época estivesse conseguindo fazer o que me pediam, mas elas me olhavam com tanta ternura que podia sentir o quão verdadeiro era aquele momento.

Eu queria ser uma das menininhas, assim como as chamava quando criança. Por onde começar então? Já sei, preciso de um cabelo. A imaginação de uma criança não tem limites, panos de prato, camisetas, uma blusa de uniforme vira em segundos um belo e liso cabelo platinado. Não gostava que meu cabelo fosse feito com blusas cavadas, precisava das mangas para conseguir amarrar com bastante firmeza na parte de trás, até porque meu cabelo não poderia cair em hipótese alguma.

- Tira isso da cabeça menino, cria tipo! O que é isso? (Meu pai me gritava)

- *Cabelo das meninas.*

(respondia arrumando a mexa de cabelo para trás da orelha)

- *Para com isso, isso é coisa de menina!*

Obedeci.

Uma ordem direta, uma fala carregada com a certeza de que se não obedecer, não gostaria do que fosse acontecer.

Aos seis anos ganhei um presente, não sei ao certo se era Dia das Crianças ou aniversário, mas ali, em uma loja de brinquedos, achei o que procurava: uma desculpa. Uma guitarra vermelha, com sons, toques, teclas e um tirante amarelo. A imaginação de uma criança não tem limites, uma blusa de escola vira em segundos um cabelo longo de um roqueiro, um cantor que faz shows, que performa e brilha, por que não incrementar? Um óculos de sol em uma linda tiara se transformava. Durante um tempo me lembro que brincava de ser cantor, porém acreditava demais em meus cabelos. Era tão fácil fazer um coque, um boné era o meu maior aliado. O cabelo escondido por de baixo e na abertura traseira lá se formava um belíssimo rabo de cavalo. Me escondia para poder brincar, quando passava perto de alguém o boné entrava em ação, mas era tão bom me sentir assim, livre.

Fui visto.

- *Bruno, esse cabelo é das meninas? Já mandei tirar isso, não quero mais te ver com nada na cabeça.*

Meu cabelo foi arrancado, meu rosto se ardia envergonhado e com a cabeça baixa me mantive, na esperança de não ter grandes problemas.

Obedeci.

Com o tempo minhas primas foram parando de dançar comigo, algumas brincadeiras sempre eram repensadas, como uma espécie de reformulação. Pode, não pode. As dúvidas nos olhares de quem me via brincar era gritante. Não sabia o que era, mas sentia que era errado. Sentia um desconforto ao olhar os rostos de quem me via brincar, eu podia perceber as dúvidas em suas mentes, a força em seus pensamentos tentando entender meu

jeito de ser. Quer saber uma coisa que aprendi durante minha graduação? Que o corpo fala. Melhor, o corpo sempre é lido... Uma Criança que brinca, brinca de fazer shows, óculos de sol, boné, pano na cabeça e guitarra. A estranheza para quem via gerava sussurros, será que isso está certo? Pode? Está brincando de que?

Instaurou-se um mecanismo. Finjo que não entendo se você fingir que não é. Essa sempre foi minha sensação para com o mundo, quanto mais amadurecia mais me deparava com o que podia e não poderia fazer. Cabelo para trás da orelha nem pensar, fazer penteados muito menos, prendedores nos dedos? Nem em sonhos falar que eram unhas. GARRAS grandes e monstruosas que afiava nas paredes. Sinto que minha família entrou em pânico. Precisavam urgentemente parar aquilo que eles não entendiam.

O desejo em lhes contar mais do meu passado de forma linear e coesa existe somente no desejo, aconselho se desprender do tempo.

EM ORBITAS

Mudei de escola. Início o segundo ano do ensino fundamental, entro na sala que haviam me falado, após alguns minutos uma moça da secretaria chega procurando por mim. Meu nome estava na turma errada. Com os materiais caindo pelos meus braços me mudam de sala, chego sem jeito e me colocam sentado ao lado de um menino, este viria a se tornar meu melhor amigo nos próximos sete anos. Ele era meu oposto, branco com cachinhos e olhos azuis, foi a primeira pessoa que me lembro que me tratou bem quando cheguei. Algumas piadas e sussurros de colegas da turma me deixavam desconcertado, sem graça, ele percebeu que eu não estava contente, iniciou uma conversa. Criamos uma amizade.

Nunca tive medo de fazer novas amizades, sempre fui muito comunicativo, mas, como já comentei anteriormente, o corpo fala. Meu jeito sempre foi uma questão para as pessoas, elas não entendiam do que estavam diante, ainda mais sendo crianças.

Minha amizade com os olhos azuis, apelido que darei a ele nesta escrita, me facilitou criar relações de amizade com demais colegas, ele já era da escola então já conhecia todos da sala. Através dele se criou alguns caminhos, o que aumentou minhas interações com o resto do pessoal. Ele jogava bola, brincava de lutinha e cartinhas, e eu fazia ginástica, atravessava todo o pátio fazendo reversões estrelas e passagens. Quando fui para o recreio em determinado dia vi algumas meninas da minha sala brincando, fazendo reversão. Sempre tive um lado dentro de mim bem competitivo, decidi me juntar a elas. Passávamos o máximo de tempo fazendo movimentos da ginástica, uma das meninas também fazia, vou chamá-la de 2Ns. Com o passar do tempo me habituei, brincava com os olhos azuis e seus amigos e quando me cansava corria para a 2Ns, o mundo girando para frente e para trás conforme competíamos quem atravessava o pátio mais rápido.

Entre estes mundos comecei a transitar. Quando com os meninos a brincadeira ficava com muitos toques e suada, simplesmente saía. Com as meninas o incomodo surgia pelo fato de estar ali, naquele meio, eu não era uma menina, não podia entrar no banheiro feminino, os segredos passados de uma para outra enquanto me olhavam me fazia pensar sobre tudo em um segundo. Não poderia existir nestes mundos, estar entre eles não me fazia ser de um ou de outro, para cada grupo eu tinha que aprender a ser um deles. Falando de um futuro um pouco distante, reconheço que aprendi a estar em seus meios, não que na época soubesse o que estava fazendo, mas deu certo. Quanto mais existia, mais evidente ficava as divisões. Os meninos da turma não me deixavam passar despercebido. Um menino, preto,

escandaloso, careca que os calcanhares que tocavam o topo da cabeça e que andava com as meninas. Sempre existiu muitas formas para que zombassem de mim. Entre as meninas eu era “o menino com jeito diferente”. Eu não passava por ninguém.

Uma coisa que sempre me fez continuar era uma sensação, não de autoconfiança e certeza de mim, algo mais parecido com um “FODA-SE”. Tentando estar em todos os lugares, das formas que esperavam de mim, me cansei bem rápido. Aos poucos as pessoas da minha escola já sabiam que eu não era igual a elas, minha existência ali já afirmava a qualquer um. Minha própria bolha se criou. Tinha ali comigo pessoas que me eram próximas, mas que também tinham suas próprias amizades. Eu me enturmava com todo mundo.

Você pode estar achando que o fato de estar sempre próximo aos meios me fazia ser amigo de todos. Por muitos eu era o falso e fofoqueiro, para outras pessoas o inconveniente, mas segui minha vida. Uma coisa que nunca fui chamado era de brigão, mas meu bem, uma coisa que fazia era bater de frente. Os meninos que mexiam comigo sempre faziam piadas, me chamavam de viado, viadinho, Zéca Urubu, Tizil, orelhudo, cabeçudo... as mais diversas ofensas. Da aparência ao meu jeito de ser, estar e falar, tudo era um motivo para ser zombado. Nesta época sinto que despertou um lado em mim, um estado que entro quando quero incomodar, quando quero fazer a maior raiva. PASSIVA e AGRESSIVA.

Eu não podia ouvir uma ofensa dirigida a mim que ia confrontar, acionava minha cara de nojo, olhava a pessoa de cima a baixo e batia boca. Sempre cínico, sarcástico e debochando ao máximo da pessoa. Meu desejo sempre era o sangue. A física nos diz que precisamos que a água alcance 100 graus celsius para ferver; eu precisava de um olhar, um quadril quebrado e uma munheca, o sangue de quem me xingava borbulhava em segundos. Sabia que ganhava a discussão quando me ameaçavam de bater, era ali que eu mais brilhava.

- Ah, cala a boca tizil, viadinho.

Ui que medo hahahah –

- Eu vou te quebrar.

Vem! Bate, passa vontade não. –

Com três tapas no meu próprio rosto eu batia, um sorriso abria e ia para cima.

Os amiguinhos de quem mexia comigo, que estavam ali assistindo a tudo, sempre tinham a mesma reação, gritavam e colocavam mais lenha na fogueira, uma gritaria, eles iam

a loucura. O menino que andava como menina, que não brinca de lutinha nem futebol, em segundos fechava os punhos, engrossava a voz e chamava para a mão. Reconheço que sempre tive um pouco de sorte, sempre tive muitas amizades, as mesmas que entravam no meio e separavam os bate-bocas, mas independente de qualquer coisa sempre confrontava. Essa organização se manteve, ficava em orbita de todos com meu próprio ecossistema.

Acho que me perdi novamente. O que temos até aqui? Um menino que gostava de brincar com suas primas é repreendido pelo sistema que está inserido, mudança de escola, faz novas amizades, não cabe em um lugar específico, não se deita para ninguém. Me acompanhou até aqui? Vou mudar um pouco o cenário da minha história, a relação com o tempo também vai ficar meio desconectada, mas já te avisei que isso será uma confusão. Só para facilitar, essa época da escola se estende até o fim do ensino fundamental, quando término o nono ano com 14 anos.

FLUÍÁ

Ao longo de toda a minha vida a música sempre esteve presente. Quando penso em infância, a primeira imagem é a de um rádio em cima de uma mureta que divide a cozinha da copa de minha casa. Nunca existiu uma época que não tivesse um som ali. Me lembro que quando criança minha mãe e meu pai me colocavam pisando sob seus pés e faziam andar, dançar. Cresci vendo os dois dançando juntos em bares, festas e aos domingos nos encontros de família. Quando saíamos aos finais de semana eles sempre procuravam por bares que tivessem música ao vivo, só decidiam ficar em algum lugar se lá tivesse duas coisas: espaço para que eu e meu irmão pudéssemos brincar e uma boa moda de viola para eles dançarem.

Minha mãe e meu pai passavam a noite dançando, em um dos momentos que me sentava a mesa para comer corria até eles, minha mãe estendia suas mãos a mim e no meio da pista, cheia de casais, me colocava a dançar. Eu sempre ia; às vezes envergonhado ou sem querer, mas eu sempre ia. Ouvia muitos comentários falando o quanto fofo eu era. Amava sentir que as pessoas estavam me assistindo. Com meus onze anos fui com minha mãe a um evento, esse evento acontecia mensalmente, um baile com bingo, jantar e música ao vivo. Como de costume, estava dançando com a minha mãe; em nossa mesa estava uma amiga de muitos anos dela, com quem também dancei muitas vezes aquela noite.

Uma coisa estava diferente aquela noite, tiveram apresentações de dança de salão, companhias da cidade estavam reunidas no evento. Como foi lindo assistí-los, uma das moças que apresentou era tão graciosa, leve, desenhava com seus dedos no ar ao som de um lindo bolero. Ao fim das apresentações e do jantar servido começou a melhor parte. BINGO! Já comentei que sou um tanto competitivo? Minha mesa estava a um número de gritar bingo, a bola foi cantada. BINGOOOO! Minha mãe correu para o palco e pegou a premiação, em seguida inicia um agradecimento breve.

- Estou muito feliz, essa noite ganhamos dois presentes. Meu filho ganhou uma bolsa de estudo para uma academia de dança de salão.

Eu não fazia a menor ideia do que ela estava falando. Foi no fundo do salão da igreja. Minha mãe foi abordada pelo professor que tinha se apresentado, ele falou que me viu dançar e que toda a mesa dele estava encantada comigo; me ofereceu o convite em ser seu aluno bolsista. Antes mesmo que eu soubesse, minha mãe já tinha mais que aceitado, pegou as

informações e confirmou minha presença. Fui. De chinelo, bermuda, camiseta e com um pouco de vergonha, minha mãe me levou a minha aula de dança de salão. Primeira coisa que aprendi, venha sempre de tênis/sapato, calça comprida de preferência jeans e camiseta.

Uma criança de onze anos em uma turma de dança de salão, a diferença de idade para a segunda pessoa mais nova devia ser de 13 anos. Cabeça baixa braço sem jeito, postura, não era a certa. Aos poucos fui pegando o jeito, aprendendo formas de abraçar, conduzir, ouvir o ritmo da música. Me deparei com mais uma atmosfera, sem absolutamente ninguém que pudesse ser parecido comigo. O tempo passou e em quatro meses a turma de iniciante já era muito fácil. Fui convidado a também estar na segunda turma, a de iniciados. Quando passei para essa turma, iniciou uma cobrança um pouco maior.

-Postura

-Abre esse peito

-Braço esquerdo na altura do ombro da pessoa mais baixa.

-Pega com firmeza na cintura da dama.

-Cavaleiro não rebola.

-Quem tem que aparecer é a dama.

Amava estar ali, em algumas aulas ficava chateado por não conseguir realizar algum movimento, mas sempre me divertia. Me tornei monitor, sempre que chegava qualquer pessoa nova na turma ia direto para mim, instruía a pessoa ao básico do ritmo que estava sendo trabalhado. Uma coisa curiosa às vezes acontecia, faltava mulheres a serem conduzidas, como um bom monitor sempre estive disposto a dançar o que fosse e como fosse. Não sei se você que me lê já dançou dança de salão. Se sim, já foi conduzido? Quando danço Dança de Salão é como se o tempo desacelerasse, através do abraço da dança me sinto capaz de sentir as transferências de peso da pessoa que dança comigo, sinto se seu ritmo está de acordo com o meu e se estamos de acordo com a música. Quando tinha que fazer o papel de conduzido era o meu momento, tinha que me preocupar somente com o meu próprio movimento, poderia colocar um belo e grande quadril, eu tinha tempo o bastante para que em cada giro pudesse passar as mãos em meu cabelo imaginário.

Foi no salão que percebi que consegui ligar e desligar, uma música, postura de condutor em seguida postura de conduzido. Uma hora mais firme, outra mais delicado. O ápice para mim era quando o professor abria uma roda, me chamava ao centro e demonstrava

os movimentos comigo, todos os que ele já tinha passado em outras aulas e os novos. Conseguia sentir, visualizar, sabia que ali era completo, não performando um único lado, mas sim quando se misturavam um ao outro. Muitas vezes fui repreendido porque eu não precisava me soltar tanto, que tinha que segurar meu quadril, mas sabia e tinha total conhecimento do que fazia, como acionava esses estados, era tão simples... fluía.

Relendo minha escrita, percebo que trago a você algumas vezes a afirmação de que sou competitivo, pensando nisso me lembro de um fato. Iremos nos deslocar.

O MAIS ALONGADO

Quando era criança, estudando no ensino fundamental, algumas pessoas da turma tinham o costume de competir quem acabava primeiro, nós fazíamos tudo correndo para termos mais tempo para conversar. Não era sempre que eu acabava primeiro, muitas vezes eu ficava quase em último lugar, sempre fui o pesadelo das professoras quando o assunto era conversa, não costumava acabar para começar a falar, por isso sempre era o mais atrasado. Foi ali, primeira fileira, de frente a mesa da professora, terceira cadeira, atrás da Nota Dez, uma aluna quieta que fala baixo e com notas de oito para cima, fui mudado de lugar para ver se diminuía minha conversa. Mesmo à distância, a competição valia.

Inicia-se o ensinamento da multiplicação, era o primeiro dia, a professora encheu o quadro com contas. Com a maior velocidade copio e corro até a mesa da professora para ganhar meu visto.

- *De quem você copiou?*

Uai, de ninguém –

- *Alguém te passou as respostas?*

Não –

- *Nota Dez, você passou as respostas?*

- *Não professora, por quê?*

- *Porque ele acertou todas as questões.*

- *Se ele copiou, eu não vi.*

Recebo meu visto e volto com raiva para a minha cadeira. Minutos depois a Nota dez termina.

- *É Bruno, você não copiou mesmo não, a Nota Dez errou algumas questões. Parabéns!*

Sempre fui um dos melhores alunos em matemática. Quer saber um fato? Quando entrei na faculdade prestei o ENEM, minha nota de redação foi péssima, porém minha maior média foi em matemática, se entrei na graduação foi porque sei contar. Que ironia. Me colocando como público da minha vida consigo sempre localizar em cena uma sensação, a de

não ser intelectualmente capaz. O fato de estar sentado digitando um texto que me validará, me causa uma vergonha, ansiedade, nervosismo. A consequência de me sentir assim me criou uma forma de ocupar os espaços. Posso não ser o mais intelectual, porém fisicamente me garanto.

Percebo que hoje em dia esta insegurança intelectual não está mais em foco. Contudo, percebo que está posicionado mais ao fundo, em uma figuração. Falando em cena, mudarei o cenário, mas não o espetáculo.

Quando sou aprovado na minha graduação percebo uma nova atmosfera, uma turma muito diversificada, alunas com anos de ballet, jazz, dança contemporânea, danças urbanas, algumas já tendo feito uma graduação, outras tendo notas de corte no ENEM por volta de 800, e eu. Tínhamos nossas diferenças de saberes, porém o pior era que a grande maioria tinha um alongamento invejável. Minha fase na ginástica durou três anos até os meus nove anos de idade, quando o professor me faltou com respeito, subindo o seu tom de voz e me falando que eu o estava perturbando, decidi então nunca mais voltar. Mas o foco aqui é a faculdade, voltemos. Quando entro e me deparo com várias alunas da turma com seus alongamentos encontro meu primeiro desejo nesse novo ambiente, ser o mais alongado.

Não sei se consegui ser o mais alongado em algum momento, mas durante os três primeiros anos me alonguei, me rasguei todo e consegui novamente zerar minhas aberturas e com muita dificuldade consigo as vezes tocar meu pé a cabeça. Ser o mais intelectual nunca foi um objetivo.

A música que embala essa história acaba por aqui, iniciarei outra história. O que tenho a lhes contar me foi complicado de entender, a forma como as situações ocorriam, se articulavam, de tal maneira que me desnorream. Minha compreensão veio após muito tempo.

H X H, SIGILOS, NÃO AFEMINADOS

Durante minha adolescência comecei a sair sem a presença de meus responsáveis. Me deparava com um ambiente novo, álcool batido com desejo sexual. Me arrumava, colocava minhas melhores roupas (tênis, calça jeans e camiseta), me encontrava com minhas amigas e íamos para as festas e baladas. Dentro destes eventos encontrava pessoas que também se arrumaram para ir, que estavam também com seus grupos. Estes ambientes eram sempre heteronormativos¹, cis² e majoritariamente brancos. Sempre amei dançar; era tocar alguma música pop, funk, pagode baiano e em segundos tinha em minha mente toda uma coreografia, poucos segundos dançando e um espaço se abre ao meu redor. De graça para quem estivesse ali, fazia o meu show, dançava até o suor pingar de meu rosto, me tornava a atração do lugar.

Um processo aconteceu quase que instantâneo, percebi que ser a atenção não me permitia ser desejado, as únicas interações que as pessoas tinham comigo era para elogiar o quanto eu dançava bem e pedir para eu ensinar. EU NÃO QUERIA ENSINAR, QUERIA BEIJAR. Ao meu redor todas as minhas amigas eram cantadas, procuradas, beijavam uma, duas, quatro, várias bocas na noite. Eu dançava a noite toda. Por diversas vezes voltava frustrado, decidi não me soltar tanto; mas era tão difícil! Como poderia não dançar em um ambiente que todos estavam dançando, não conseguia me segurar muito nas festas, mas tentei, tentei diminuir minha intensidade e me misturar um pouco mais. Fracasso!

Minha sensação de que, o que afastava as pessoas era o fato de que eu dançava caiu por terra quando me mudei de cidade. Novas baladas, grupos, festas, fiz amizade com uma gay branca, irei chamá-lo de Bey Hive, nome dado aos fãs da cantora Beyonce. Começamos a sair sozinhos, às vezes com mais pessoas, porém sempre estávamos juntos. Ele, assim como eu, fazia seu próprio show, juntos entregávamos performances maravilhosas, abríamos uma roda duas vezes maior e mostrávamos que estávamos ali para dançar. Bey Hive também tentava conseguir algumas bocas na noite, beijar como qualquer outra no ambiente, comecei a perceber que ele sempre conseguia ficar com mais pessoas, não via estas situações como uma competição, porém em minha mente estávamos naquele espaço como iguais, ambos dançando e não se prendendo a inseguranças.

¹ Heteronormativo: Performatividade social relacionada ao gênero biológico.

² Cis: Abreviação de cisgeneridade; pessoa que se identifica com o gênero ao qual foi designada.

Por que ele conseguia determinadas trocas de afeto nestes ambientes e eu não? O que diferenciava ele de mim, será que era a barba que eu não tenho? Será que o fato de ser branco? Por vários momentos eu não me permitia pensar sobre isso. As respostas às quais eu chegava só afirmavam a mim mesmo que isso nunca iria mudar, que eu nunca estaria em pé de igualdade com as pessoas destes locais. EU QUERIA TER AFETO.

Decidi utilizar um app de pegação, Grindr. Para você que lê e por acaso não saiba como é este aplicativo, uma breve contextualização. Ao entrar no app você deve criar um perfil, informações pessoais são inseridas, estas podem ficar disponíveis ou não para outros usuários. Tem a possibilidade de anexar fotos, links de redes sociais. Funciona por distância, aparecendo em sua *time line* as pessoas que estão mais próximas e as que estão mais longe, nessa ordem. Você pode mandar mensagem para qualquer pessoa, reagir com o perfil através de emojis/reações. O principal intuito dos usuários são encontros sexuais. Existem outras informações sobre uso, mas estas informações são o básico.

Por diversas vezes instalei e desinstalei o aplicativo. A dinâmica de comunicação quase sempre é a mesma, a troca de fotos como de rosto e nuas, afirmação de posição sexual, troca de endereços e por último a combinação da data do encontro. Tentando existir neste aplicativo, tive dezenas de conversas que não ocasionaram em nada. Alguns encontros aconteceram e que nunca mais voltaram a se repetir. Dentre tantas conversas, as que mais se desenrolavam eram as que EU TENTAVA SER O MENOS AFEMINADO possível, sempre evitando mandar áudios, não utilizar linguagem no feminino, para além de diversas coisas que eu tentava não fazer eu ainda tinha que passar no teste dos centímetros, o TAMANHO DO PÊNIS era a informação mais importante sobre meu corpo. Quantos centímetros tem? É grande? Dentro deste universo eu não existia, a estrutura do sistema gay me repele, não há espaço para mim. Ao menor sinal em me mostrar afeminado era BLOQUEADO. MEU CORPO não era o que esperavam? BLOQUEADO. Fotos, informações pessoais, ser ou não comunicativo, nada que eu fizesse importaria, o resultado era sempre o mesmo: nada.

Com este app reparei que muitos que vinham conversar comigo tinham uma imagem predeterminada em suas mentes, já me deparei com frases como:

- *Eu adoro ficar com gente da sua cor.*
- *Os pretim nunca decepciona.*
- *Bem que falam que é da cor do pecado.*
- *Até que fico com uns branquinhos, mas gosto mesmo é dos negão.*
- *Você vai me deixar arrombado?*

Nos ambientes presenciais EU NÃO ERA ESCOLHIDO, virtualmente com a facilidade que me pediam fotos me descartavam. Percebi que se eu ficasse em silêncio, fingisse ser o mais hetero³ possível despertava certos interesses. Novamente me encontro em outro lugar que minha existência sempre era obrigada a não estar, eu não poderia somente estar ali, tinha que ser o que eles queriam, o que eles esperavam de mim.

OPS, sem querer pulei a música.

³ Hetero: Abreviação de heterossexual; pessoa que se relaciona afetiva e amorosamente com alguém do sexo oposto.

DIA DE SOL

O riso é uma reação tão verdadeira e libertadora, dar uma boa gargalhada lava a alma, faz nosso rosto ficar quente, o coração acelera e olhos lacrimejam. Rir com pessoas próximas é melhor ainda, nesse momento nos tornamos até comediantes profissionais. Em segundos sabemos exatamente cada gesto, entonação, pausa nas falas que farão com que as nossas piadas e graças tenham a capacidade máxima de fazer a todos rirem. A você, olhos que me percorrem, no dia a dia você é a pessoa que costuma fazer os outros rirem ou costuma ficar na plateia e aproveitar ao máximo os shows?

Nunca vou me esquecer de uma viagem de escola para um clube da cidade. Eu com meus 13 ou 14 anos, de sunga, no início da adolescência, muito magro, cabelo raspado e tentando não ser pintosa⁴. Não lembro ao certo quantas pessoas adultas estavam nos acompanhando, mas eram todas professoras e professores da época. Essa ida ao clube tinha a presença de todas as turmas do 9º ano. Passei o dia com o meu grupo de amigas, todas rindo, nadando, descendo nos brinquedos aquáticos até que escuto algumas risadas e vozes, olho e vejo que são dois professores e uma professora. Estavam sentados embaixo de um quebra sol. Me aproximei mais deles para entender melhor o que estavam falando, até que escuto:

- Tá explicado porque o Bruninho é tão magrinho, desnutrido, foi tudo pra “sungá” (todos os três dão risada).

A princípio eu não tinha entendido então esbocei feição de dúvida e escuto outra piada:

- Nossa se o Bruninho tombar para frente ele nem cai, menino parece um tripé (todos os três dão risada).

Quando consegui entender, automaticamente levei a mão à frente da sunga, extremamente envergonhado, mas sem conseguir reagir diante a tamanha exposição. Ativei o

⁴ Pintosa: Homem com gesticulação de mãos, corpo, cabeça tidos como femininos.

modo sorria e acena, dei uma risada bem sem graça levei na brincadeira fingindo estar tudo bem e saí de perto. Como não bastasse, esse assunto ecoou para dentro da sala de aula, isso porque o professor continuou com piadas das mais diversas formas possíveis. Este professor era **O Galera**. O Galera, caso você não saiba, é aquela pessoa que parece político em época de eleição: conversa com todos, parece conhecer todo mundo, faz de tudo para que as pessoas gostem dele, quer ser sempre o favorito, alegre e gente boa. Ele era considerado pela grande maioria o mais engraçado e divertido, ele contava a situação e repetia as piadas com muito gosto, dava para ver o brilho nos olhos dele em fazer a todas as pessoas ao seu redor sorrirem.

Ao continuar descrevendo a história, acabou gerando uma situação com os demais alunos, uma espécie de tentativa de quem consegue fazer a piada mais engraçada, me relacionando a diversas imagens de atores pornôs, equipamentos de suporte ou imagens de pegadinha do whatsapp. Eu deveria estar com uma cara muito feia, com o semblante de azia talvez, ele me olhou e no mesmo instante começou a direcionar a brincadeira aos outros alunos que também foram ao clube, como um para raio tentando desviar as piadas de mim. Estruturou-se ali uma espécie de ordem de quem aparentava ser o mais pauzudo, tudo ali, com piadas e lindos sorrisos no rosto. Por fim eu sempre me fazendo de desentendido já muito cansado de sustentar o sorriso sem graça escuto uma voz de um colega, a cereja em cima desse bolo de merda:

- Mas do que adianta se ele não vai usar? (todos dão risada)

O riso é uma reação tão verdadeira e libertadora, dar uma boa gargalhada lava a alma, faz nosso rosto ficar quente, o coração acelera e olhos lacrimejam.

CHAVEIRINHO GAY.

Dia 13 de Julho de 2022 estava em uma reunião com a minha turma de faculdade, resolvendo algumas questões de um evento que estávamos produzindo. Este evento é chamado Circulandô. Nele ocorrem apresentações das turmas que desenvolvem seus trabalhos de estágio, mais a frente você saberá melhor sobre o estágio, em cena agora é o chaveirinho gay. Uma de minhas colegas estava desenvolvendo um trabalho que utilizava de questões como plágio e cópia; irei chamá-la de Falsa Fake. Ela constrói uma artista que teria uma estreia de um documentário sobre sua carreira. Para a imagem desta artista, a Falsa Fake se inspira em referências do pop anos 2000, mulheres ricas bregas e festas de gala.

Falsa Fake, no dia 14 de julho de 2022, iria estar em uma oficina que tinha como tema a discussão sobre dramaturgia, com foco no ensinamento do Método do Feedback DasArts⁵ pelo próprio criador, apresentações de trabalhos artísticos que se inscreveram para se apresentar e ter o feedback através deste mesmo método. Ela em nossa reunião pergunta:

- *Alguém sabe abrir uma garrafa de champagne?*

Eu sei –

- *Amanhã você poderia me ajudar na oficina?*

- *Vou apresentar o trabalho que estou desenvolvendo no estágio e preciso de alguém para abrir a garrafa em cena.*

O que vou precisar fazer, só isso? –

- *Preciso que você venha todo arrumado, com roupa chique. Em cena, receba os convidados/público, fala que o evento é o pré-lançamento do documentário da artista.*

- *Você precisara falar, com os convidados e informá-los ao longo do trabalho que a artista terá um momento de autógrafos.*

Tudo bem, te ajudo –

No dia da oficina estava ajudando minha amiga a montar o cenário e fazendo perguntas para entender melhor como deveria estar em cena. Chegamos à conclusão que minha presença seria um pouco esnobe, ajudaria a descer de uma escada, já que ela estava de salto, ficaria ao seu lado andando e conversando. O momento chegou, eu estava com um

⁵ Método de Feedback DasArts: Estrutura desenvolvida pelo artista Manolis Tsipos para a realização de feeds artísticos, visando contribuir para o desenvolvimento do trabalho submetido.

vestido todo vermelho feito de amarrações, uma de nossas amigas pontuou que estava chamando muita atenção. Falsa Fake tinha outro vestido, prata com um decote na frente, troquei de roupa. Assim que os convidados chegaram, ela se posicionou na escada e abriu a porta.

Boa tarde, obrigado pela presença, está começando o pré-lançamento do documentário da artista, sintam-se livres para andar pelo espaço, utilizem as câmeras de seus celulares para acessar os trabalhos através dos QR codes. Divirtam-se. –

Em poucos segundo as pessoas começaram a me chamar para tirar dúvidas e pedir suportes, algumas pessoas não sabiam se tinha uma ordem correta para acessar os trabalhos, outras tinham dificuldades em utilizar seus celulares para ler os QR codes, mexo nos equipamentos que estão apresentando um vídeo no projetor, pois não estava funcionando. A Falsa Fake decide descer da escada e vou ajudá-la, em seguida começamos a andar pelo espaço. Desenvolvemos diálogos improvisados que tinham como objetivo criar uma realidade no qual ela era muito rica, que tinha acabado de chegar de viagem, que o caviar à mesa era de produção particular. Em seguida, abro o champagne e começamos a beber, voltamos a andar pelo espaço.

Ao final da apresentação ela agradece a presença das pessoas, saímos da sala e a cena se encerra. Logo em seguida ocorre todo o processo de Método de Feedback, ela recebe cartas das pessoas que estavam presentes e finaliza a sessão. Algumas horas depois encontro a Falsa Fake que me fala que já tinha lido todas as cartas, e muitas a questionavam o porquê dela ter em cena um chaveiro gay. Na hora não problematizei, pois não tinha percebido TODO o contexto. Minha presença em cena foi recepcionar o público/ convidados, auxiliar em questões técnicas de produção e problemas no geral, conversar com as pessoas informando que a artista estaria dando autógrafos, sanar dúvidas sobre o funcionamento do site da artista.

Chaveiro gay, as pessoas presentes no trabalho me entenderam com um homem gay, que fica à sombra de uma mulher rica. Eu em momento nenhum fui considerado como uma figura que pudesse ser um produtor de evento ou agente, mesmo eu falando de todas as questões que envolvem a carreira da artista, organizando aparelhos, com o público, não estive em um lugar de poder. Por quê? O que seria preciso para que me vissem como alguém importante nesta cena? Ser branco? Ter algum acessório que me lembrasse de uma equipe de

produção, como fone ou algo do tipo? Se não estivesse de vestido, seria o assistente, empregado, garçom, ou ainda seria o chaveirinho gay? Vejo que para as pessoas que tiveram determinado pensamento, o fato de ser um homem preto de vestido ao lado de uma mulher bem-sucedida não foge de certas questões.

Homem preto + vestido + ao lado de uma mulher rica = chaveiro gay

O homem preto sempre será entendido nos espaços como alguém que está em uma posição social mais baixa, servindo ou sendo suporte para outra pessoa. O CORPO FALA. MELHOR, O CORPO SEMPRE É LIDO. Trouxe as histórias anteriores para que de certa forma você pudesse compreender por quais caminhos passei. Hoje elas não me assombram, percebo que estes caminhos, entre vários outros, me colocaram onde estou, como estou. Estou me formando, refletindo no presente sobre um passado, o meu passado. O que me fez chegar até aqui? PERCEBER QUE EXISTO NA MINHA INDIVIDUALIDADE, QUE NUNCA SEREI OU FUI CAPAZ DE CABER NOS MOLDES, NOS ESPAÇOS QUE ME DEPAREI. Cheguei aqui com a vontade de lhes dizer que entendo o porquê, porque eu não podia, porque dos rostos a pensar, porque mostrar que estar disposto a brigar é um surto coletivo. O que me fez chegar aqui foi ser essa confusão, não estou aqui nem lá, hábito em torno e existo na resistência. O que me fez chegar até aqui foi ser a BIXA PRETA que sou.

Tinha pensado em discorrer neste TCC sobre um tema específico, porém reconheço que meus estudos para trazer a você uma forma coesa e formatada desta discussão está em uma penumbra, tentarei colocar mais luz na cena, ou melhor, tentarei deixar tudo mais **claro**. Iniciei minha escrita falando de mim, dos desejos que sempre estiveram presente em mim e nas outras pessoas. Para tanto, coloquei meu corpo em cena e lhe mostrei por alguns caminhos que percorri. Para não perdemos o compasso continuarei a falar a partir do desejo. **O meu desejo de bixa preta.**

O QUE É UM CORPO PRETO EM CENA?

Em uma disciplina da graduação, Arte e Contemporaneidade 2, ofertada no primeiro semestre de 2020, discussões como o que poderia ser ou não arte, quais pessoas acessam quais tipos de arte, quem faz arte, estiveram muito presentes durante o semestre. Nesta época nossas aulas ocorriam de forma remota devido à pandemia de Covid-19 e ao final de toda aula eu e uma amiga de turma, que terá o apelido de Lazuli nesta escrita, sempre continuávamos as discussões entre nós, pois devido ao nosso período sabíamos que no semestre seguinte teríamos que dar início a uma disciplina chamada Estágio Supervisionado de Ateliê do Corpo/Atuação, no qual o objetivo é que as pessoas da turma desenvolvam trabalhos artísticos, no prazo de três semestres.

Lazuli em umas das nossas discussões sobre o que poderia ser arte muda um pouco de assunto e me pergunta.

- Você já tem ideia do que quer fazer no Estágio?

Eu estava muito interessado nas minhas reverberações sobre quem acessa arte e como acessa, então tiro alguns segundos para pensar e comento que tenho uma possível ideia.

Gostaria de fazer alguma coisa voltada para a plataforma do OnlyFãs, criar alguns materiais em vídeo, fotoperformance e ver como é a procura, quem pagaria, se estes trabalhos seriam relacionados a arte ou não. –

Minha ideia era trazer de alguma forma temas que versassem sobre até onde as pessoas estão dispostas a ir para acessar arte; ou se a plataforma de compartilhamento mudaria a forma de leitura dos materiais artísticos. Caso você não tenha conhecimento sobre essa plataforma, faço uma pequena contextualização. Este site é norte americano, dentro dele você compra os pacs, que são pacotes de imagens e vídeos, sendo a principal característica dos conteúdos encontrados no site é que eles são para maiores de 18 anos. O site basicamente é um feirão de pornô (imagens com conteúdo pornográfico) que você compra ou vende utilizando a moeda dólar. Lazuli logo em seguida me traz a seguinte colocação.

- *Achei muito interessante, principalmente porque iria relacionar a imagem do homem preto sexualizado.*

Eu ainda não tinha acessado a esta relação. Com este olhar de Lazuli comecei a pensar em como eu não seria relacionado a esta questão, minha vontade não era trazer um trabalho racial, queria debater os conceitos de arte, quais pessoas buscam arte, **meu desejo nunca foi questões raciais...** mas eu nunca serei neutro. O neutro é o branco cisgênero ⁶heterossexual. Esta figura guia todas as formas de ser e existir, quando você não está dentro destas identificações você nunca será uma pessoa neutra. Ser um homem preto traz leituras já instauradas pela e na sociedade, um homem preto em um site maior de 18 anos estará debatendo questões raciais, estará falando de seu corpo e do ⁷racismo vivido.

Como sinaliza Sílvio de Almeida (2020) e Djamila Ribeiro (2018), é certo que as questões raciais não são problemas para a branquitude. Se a imagem do branco é a referência para a existência, logo a raça é um problema exclusivo para as pessoas não-brancas. A imagem da pessoa branca tem uma grande liberdade de ser o que quiser ser, as leituras feitas sobre a branquitude é mais precisa, cada detalhe é cuidadosamente reconhecido, a atenção em saber exatamente qual o lugar desta figura é de extrema importância. Até parece que realizar uma interpretação precipitada é algo de extrema importância, como se fosse imperdoável. Deus nos livre de errar o local da branquitude.

- *O que é o que é?*

- *Um homem dentro de um site com vendas de conteúdo maior de 18, criando vídeos e fotos performance?*

- *Um artista utilizando discussões conceituais para debater a própria arte.*

O que é o que é? –

*Um homem **preto**, dentro de um site com vendas de conteúdo para maiores de 18 anos, criando vídeos e fotos performance? –*

*Um artista **preto** debatendo sobre racismo e sexualização –*

⁶ Cisgênero: Pessoa que se reconhece de acordo com seu órgão sexual.

⁷ Racismo: Discriminação, preconceito com determinado grupo ou pessoa devido sua raça ou etnia.

Essa camada que me foi apontada me mostrou que, como sempre, meu corpo entraria com um significado muito forte no meu trabalho. Você que está me lendo, quando um artista **preto** está em cena você ignora sua cor ou as possibilidades de ser um trabalho sobre questões sobre raça sempre são levadas em consideração? Minha ideia inicial me pareceu nesse momento um tanto turva; por um instante esqueci que era preto. Como gosto de lidar com o que tenho, decidi abraçar também esta interpretação. Os dias se passaram e me mantive a pensar neste possível futuro trabalho, e idealizei o seguinte cenário: Meu trabalho poderia ser eu, dentro do Onlyfãs fazendo vídeos “simples” com danças coreografadas, recolher comentários e falas de pessoas que entrarem em contato com estes materiais e assim produzir outros novos. Usaria da característica principal da plataforma como camada dramática e em meus vídeos causar uma quebra de expectativa. Essa ideia ficou sendo maturada até que recebo a notícia de que, o site estaria começando a mudar sua proposta e iria proibir a venda de conteúdos maior de 18. Eu não teria mais o principal ponto do meu trabalho.

Finaliza o semestre e começa outro, iniciamos a disciplina de Estágio. Durante as aulas comento sobre minhas ideias até que me perguntam como que seria continuar a pensar neste trabalho caso realmente o site mudasse suas diretrizes. Percebi que o principal para mim seria a forma de obter os retornos das pessoas que acessassem os conteúdos produzidos por mim. Por que não criar um site? Eu o criaria com a possibilidade de envio de comentários, meus vídeos e fotos teriam a relação corpo preto em cena e quais nuances de relação de corpo objeto. Estava surgindo ali, um pequeno esboço do que viria a se tornar meu trabalho de Estágio e meu principal tema de TCC.

Um semestre de Estágio se passou, estava pensando que meu trabalho teria como principal questão a hipersexualização do homem preto. Logo no início do segundo semestre inicio a disciplina de TCC 1, em meus encontros com o meu orientador, Jarbas Siqueira, ele me coloca a pensar sobre quem está escrevendo, para quem escrevo, qual meu objetivo com este trabalho. Muitas perguntas, várias dúvidas e nenhuma resposta. Eu não poderia falar do homem preto, as camadas que o constituem são as mesmas que ao longo de toda a minha vida foram transformadas em feridas.

Quando meus coleguinhas de sala me liam e não encontravam em mim aquilo que esperavam; quando meu jeito de ser, andar e falar não se encontrava em acordo com uma possível imagem que tinham construído para mim; quando, desde criança, já me percebiam enquanto desviante dessas expectativas, colocavam para mim que eu não poderia falar do corpo do homem preto sendo que isso nunca foi o que esperavam de mim. SOU UMA BIXA

PRETA, sempre fui, não caberia a mim debater sobre uma realidade que nunca me coube. Mudei novamente minha proposta, falarei da HIPERSEXUALIZAÇÃO DA BIXA PRETA.

A decisão de colocar a bixa preta em foco me fez deparar com diversas reflexões, principalmente: Eu enquanto bixa sou hipersexualizada? O que é hipersexualização do homem preto e como isso vai de encontro a mim? Por que e como isso existe? Nunca fui ligado a teoria, não tinha comigo as referências e leituras que me possibilitasse estruturar meus pensamentos. Para conseguir as respostas destas perguntas tenho que estruturar um caminho. Meta número um: compreender o que é a hipersexualização do homem preto, como e porque acontece. Meta número dois, a bixa preta. Meta número três, as múltiplas camadas interligadas na bixa preta.

META NÚMERO UM: O CORPO DO HOMEM PRETO

Hoje cedo, na rua do Ouvidor
 Quantos brancos horríveis eu vi
 Eu quero um homem de cor
 Um deus negro do Congo ou daqui
 Hoje cedo, na rua Do Ouvidor
 Quantos brancos horríveis eu vi
 Eu quero um homem de cor
 Um deus negro do Congo ou daqui
 Que se integre no meu sangue europeu
 Black is beautiful, black is beautiful
 Black beauty so peaceful
 I wanna a black, a beautiful
 Black is beautiful, black is beautiful
 Black beauty so peaceful
 I wanna a black, I wanna beautiful
 Hoje à noite, amante negro eu vou
 Enfeitar o meu corpo no teu
 Eu quero esse homem de cor
 Um deus negro do Congo ou daqui
 Hoje à noite, amante negro eu vou
 Vou enfeitar o meu corpo no teu
 Eu quero esse homem de cor
 Um deus negro do Congo ou daqui
 Que se integre no meu sangue europeu
 Black is beautiful, black is beautiful
 Black beauty so peaceful
 I wanna a black, I wanna a beautiful
 Black is beautiful, black is beautiful
 Black beauty so peaceful
 I wanna a black, a beautiful
 Black is beautiful, black is beautiful
 Black beauty so peaceful
 I wanna a black
 I wanna beautiful

Essa letra é de uma música gravada pela cantora Elis Regina, composta pelos irmãos Marcos e Paulo Valle. Compreendo a época, mas não passarei pano para a letra. Me deparei com essa música no fim do ano de 2021, estava andando pela rua com meu fone, escutando uma playlist no Spotify, minha mente já estava há algum momento refletindo sobre o corpo do homem preto, questões como racismo, masculinidade, estereótipos. Quando de repente essa música começa a tocar. Eu por diversas vezes procurei músicas da Elis para ouvir, mas nunca tinha escutado essa.

Black is beautiful é um exemplo muito preciso sobre muitas relações estruturais que venho pensando, uma mulher branca que compreende que seu sangue é EUROPEU tem a vontade, O DESEJO, de ter um homem de cor, e que seus sangues se misturem. Como o homem preto existe neste espaço, como um objeto que você sente a necessidade de ter e, para se saciar, o compra? Por que esse fetiche na miscigenação? Esse homem só lhe serve durante a noite? Gostaria de te colocar a pensar, por que você precisaria de um homem de cor? Que homem é esse? Esse homem tem direito de não querer ser seu? Qual homem preto você acha bonito? O que faz esse homem ser considerado, por você, bonito? Como você adquire um homem de cor? Qual homem preto é desejado? O que acontece se esse homem é uma bixa? Deixo várias questões em aberto. Não lhe responderei, mas gostaria que as respondesse por mim. Minha busca por tentar compreender melhor ~~o~~~~eu~~ como meu corpo sempre esteve nas cenas que vivi me fez refletir primeiro sobre o homem preto e seu corpo.

A obrigação em ser um homem preto sempre aparece associada à necessidade de uma performatividade excessivamente masculina e viril. Cresci tentando me encaixar nesses moldes sociais, o que me possibilitou a construção de determinadas análises. Irei compartilhar com você como compreendo algumas figuras.

Movimento 1: Construindo um homem.

Um homem para ser um homem precisa seguir 10 regras: Não demonstrar fraqueza, não ser sentimental, não ter trejeitos femininos, não rebolar, ter voz grossa, gostar de esportes, ter brincadeiras de toque que possa ser interpretada como uma curiosidade sexual com seus amigos, não se importar muito com questões estéticas como cabelo e unha, não ser escandaloso, usar roupas e acessórios que sejam destinadas ao gênero masculino.

Movimento 2: Construindo um homem preto.

Um homem preto para ser um homem precisa seguir 13 regras: Ser negão, não demonstrar fraqueza, ter uma masculinidade feroz, não ter trejeitos femininos, não rebolar, ter pau grande, ter voz grossa, cumprir com as expectativas sexuais das pessoas, gostar de esportes, ter brincadeiras de toque que possa ser interpretada como uma curiosidade sexual com seus amigos, não se importar muito com questões estéticas como cabelo e unha, não ser escandaloso, usar roupas e acessórios que sejam destinadas ao gênero masculino.

Movimento 3: Compreensão dos papéis.

Nesta coreografia não se é possível colocar um homem preto de igual a um homem branco. O homem preto nunca esteve ou estará de igual aos homens brancos. ELE É PRETO. A escravidão existiu e deixou diversas feridas que ainda sangram em nossa história.

Deslocamento no espaço: Homem

Entre pela coxia próxima do palco, ande, olhe para a plateia, com seu figurino simples utilizado para demonstrar humildade, retire um pente de seu bolso com a mão esquerda e arrume seu cabelo para trás. Em seguida olhe para a plateia e sorria, assim que ouvir os aplausos continue se deslocando até a coxia a sua frente.

Deslocamento no espaço: Homem preto

Entre pela última coxia do palco, DEVAGAR ande, erga sua cabeça, mas sem fazer contato visual se direcione a plateia, com seu figurino tente demonstrar que não faz parte da equipe de limpeza, DEVAGAR sem se deslocar pelo espaço tire com a mão esquerda o objeto de seu bolso, mostre que é um pente. Em seguida abaixe a cabeça e saia pela primeira coxia do lado oposto ao palco, se ouvir algum barulho alto não se apavore talvez não lhe acerte.

Título do trabalho: Contemporaneidade Brasileira

Vagas: Procura-se homem preto para papel em trabalho artístico.

Temos hoje a imagem do homem preto resultante de um passado muito presente e racista, a criação do que se espera de homem preto começa a ser estruturada com o iluminismo, sendo através deste desenvolvido formas de dissociação entre o civilizado e o selvagem. Os colonizadores utilizavam de características físicas e climáticas para explicar as diferenças de seres humanos, o que conseqüentemente criaria a divisão de raças, colocando a todos os outros povos em um lugar de animalização, para que exista a divisão de raça necessita então da detenção de poder. O iluminismo surge da ideia de tirar o poder de uma única pessoa e torná-lo coletivo, questionando a religião e colocando a razão como principal ponto do movimento. O coletivo que se tornaria a nova detentora do poder viria a ser a pequena parte burguesa da época, tornando assim seus interesses a prioridade e o que viria a ser certo. Com a consolidação da ideia de raça, cria-se uma forma de desigualdade que para os

homens brancos justificava os pensamentos de que os não brancos seriam ferozes, intelectualmente não desenvolvido, que seriam seres mais irracionais com a sexualidade maior.

O homem preto começa a ser então moldado, seu corpo passa a ser considerado geneticamente mais forte e destinando a trabalhos braçais desumanos. Sua cultura, linguagem e tradições são vistas como subdesenvolvidas, logo, o homem preto é colocado socialmente em um local extremamente inferior, se é que podemos falar que ele existia em sociedade. Essa estruturação não se limita somente aos homens pretos, as mulheres pretas lidavam com as mesmas questões, e ainda, por serem mulheres, passavam pela experiência com mais este marcador social, o que a colocou ainda mais abaixo nesse sistema.

Falando diretamente do contexto histórico do Brasil, meu país foi erguido dos estupros das minhas ancestrais e das mortes de meus antepassados. O meu passado foi comprado, processado e vendido, e hoje em dia as consequências ainda são vivenciadas. O homem preto tende a percorrer um caminho no qual foi predeterminado e do qual poucos conseguem ir contra esse sistema. A imagem que se espera que tenhamos foi fabricada justamente para que nunca o homem preto possa ser um homem, ele sempre será o pecado, o desejo de uma noite, o corpo feroz que sacia o desejo branco. O homem preto é o resultado do estigma da branquitude, a forma que estes corpos existem na sociedade, digo, que performam em sociedade.

Você que me lê, já pegou um negão? Já pegou um cafuçu? Já teve medo e tesão em pegar um mandraca? Já quis ficar com um homem preto porque achou que ele iria te deixar igual o poço da Samara? E aquele MAVAMBO, já fez as escondidas? Eu poderia começar a te explicar que essas classificações são todas racistas, nomes estes que são empregados especificamente àqueles que não detêm poder aquisitivo, que utilizam de símbolos como roupa e acessório que são discriminados por surgirem em ambientes e culturas periféricas, mas que hoje em dia é almejada pela burguesia branca, talvez devido aos movimentos musicais de funk e do rap que alcançaram um local de reconhecimento, talvez porque esteja na moda ser preto. Um homem preto traz consigo um imaginário sexual voraz, e que até parece que os mesmos gozam destes rótulos. Não irei problematizar o fato de que homens pretos utilizam desses locais para desenvolverem experiências das mais diversas, até porque isso se antecede a suas existências, estes têm que aprender a dançar no ritmo da música.

Quando leio minhas análises sobre o corpo do homem preto em cena não consigo falar a você quando foi a primeira vez que vi esse corpo preto em cena, e compreendi todas as camadas que o moldam. Não tive um momento de estalo que pude falar: NOSSA isso é um homem preto sendo hipersexualizado. O racismo é vergonhoso, é tímido, ele não grita, não chama a atenção, até porque se fosse algo tão evidente eu estaria discutindo outro assunto neste TCC. Encontramos diariamente formas de racismo que estão presente de forma sutil, temos em nossa sociedade a democracia racial, ela é uma ideologia que coloca o país como um lugar livre de racismo e discriminação racial, é tratada por muitas pessoas (especialmente pela branquitude) como uma ideia que procura minimizar os efeitos dos racismos na vida das pessoas. as máscaras não foram arrancadas, mas substituídas por novas, o racismo é tão presente na atualidade quanto na época escravocrata.

Posso não conseguir lhes dizer com precisão quando tomei consciência do primeiro momento em que percebi que estava sendo hipersexualizado por ser um homem preto; mas consigo compartilhar com vocês uma experiência. O filme Cidade de Deus, lançado em 2002, não me lembro ao certo quantos anos eu tinha na época, mas sei que o Cabelinho mexeu comigo. Personagem interpretado pelo ator Jhonatan Haagensen. Este personagem preto tinha seu corpo malhado, com um tom bronzeado. Cabelinho era da Cidade de Deus. Moleque malandro que junto de dois outros amigos formavam uma equipe de furtos e roubos. Cabelinho até o momento de sua morte estava em todas as cenas com shorts curtos, camiseta sempre aberta ou sem camiseta. Malandro suado com o corpo escultural, após ter uma relação com sua amada eles discutem, a câmera foca no cabelinho: somente com seu shortinho, caminha de costas até a cama e se deita, a câmera se aproxima lentamente na direção de suas pernas entre abertas.

Cabelinho me despertou uma curiosidade, uma palpitação mais forte. Suas pernas entre abertas, corpo suado e malhado, uma cena que, por alguns segundos, foca em um homem preto que não faz nada de relevante para a dramaturgia da história, segundos estes que fazem eu me perder entre suas pernas admirando seu corpo. O que você fez comigo Cabelinho? Não se perca, guarde o início desta fabulação, pois mais à frente iremos desatar alguns nós. Tento aqui trazer um pouco do passado para que consiga me acompanhar em minhas reflexões. O que estou tentando discorrer é algo parecido com um novelo de lã com vários fios e pontas com várias cores, para que isso não se torne um grande emaranhado começarei a segunda parte, a bixa preta.

META NÚMERO DOIS: A BIXA

Preciso conversar com você sobre a bixa. Reconheço que fugi um pouco desse momento, mas não foi desatenção, foi uma dificuldade em me localizar nesta fabulação. BIXA, perceba que não falo gay⁸ ou homossexual⁹, não irei discutir necessariamente sobre quem chupa o que. BIXA, aquela que é a certeza, que grita, que briga, que bate sua palma, que não consegue esconder seu quadril sujeito, é ela que observa e aprende a sobreviver desde muito nova. Não sei o que está sendo formado da bixa em sua cabeça, então vou tentar explicar um pouco melhor. Reconheço que a construção de um indivíduo é realizada através de várias vertentes. A primeira se daria logo dentro do útero.

- *É menino ou menina?*

- *Menino!*

Pois bem, vestirá azul, terá brinquedos como ferramentas de construção; carrinhos de polícia, de bombeiro e de corrida; bonecos de super-heróis; crescerá com amigos brincando de lutinha; poderá soltar pipa, andar de bicicleta, terá tios e primos mais velhos que tentarão de tudo para que você não torça para o time de futebol que seu pai torce. Quando fora da bolha familiar as instituições serão uma grande ferramenta que participará do processo de construção. Banheiros indicarão onde cada um pode ou não entrar, atividades físicas possibilitarão desenvolver relações com determinado grupo, brincadeiras, jogos, terão associações direta entre as características da brincadeira e quem brinca. Roupas, acessórios serão indicadores sobre o que você é.

Temos em nossa sociedade o binário, HOMEM e MULHER, MACHO FÊMEA, CERTO ERRADO, BRANCO PRETO. Quando olhamos para o homem e a mulher estes têm obrigações como, forma de se vestir, falar, o que deveria gostar ou ter maior interesse, que seriam condizentes ao seu gênero, logo, cada pessoa deve desenvolver uma performatividade que também esteja de acordo. A performatividade seria a forma como cada indivíduo age e se expressa para que consiga se encaixar, ser identificado e aceito em sociedade. E o que seria

⁸ Gay: Sinônimo de homossexual

⁹ Homossexual: Nome dado as pessoas que desenvolvem relações sexuais com pessoas do mesmo gênero.

ser aceito pela sociedade? Respeitar todos os nãos, regras e imposições que escutamos desde criança, sustentar a imagem que é construída para cada pessoa.

Preciso fazer com que você entenda que EU, esta bixa preta que está sendo lida nessas linhas, não está colocando a BIXA como identidade de gênero e sim como uma expressão de gênero. A identidade de gênero é como a pessoa se reconhece, homem, mulher, não binário, travesti etc, expressão de gênero está ligado a como cada gênero deve se expressar (ser, agir, falar, se portar). Por exemplo: Se você se entende enquanto homem (identidade de gênero) esperasse que tenha determinada postura, hábitos e forma de falar, você tende seguir determinadas regras (expressão de gênero) que performem uma ideia de masculinidade. Nessa direção, qual seria então este lugar que falo da bixa? De homem bixa preta? De um homem preto que faz bixarias? Se temos que seguir regras e performatividades para que sejamos relacionados a um determinado gênero, eu ainda seria homem? Bom, não sei.

Podemos olhar para essa expressão de gênero partindo dos estudos filosóficos de Simone de Beauvoir, que questiona em suas obras que as pessoas não nascem homem ou mulher, mas são ensinadas a ser. Ser homem ou mulher está ligado à criação e expressão social. Ela questiona também a relação macho e fêmea enquanto biologia e seus papéis de gênero.

Para conseguir estar aqui me estruturando, me organizando em frases, parágrafos, cartas, conto com a desorientação de uma figura, ela, uma bixa-transvestegenera-preta. Ela está aqui, presente em meus pensamentos, me questionando, me tirando da casca e me fazendo pensar sobre tudo, o que muitas das vezes acaba me fazendo chegar em um grande nada. Não sei o que pensar; e o que penso me faz entrar em pânico para conseguir explicar. Uma das coisas que ela me deixou pensativo foi:

- Bruno, por que você é uma bixa e não um viado?

- Você sabe de onde vem a expressão viado?

Não sei –

- A expressão viado vem do animal, veado. Em determinada época do ano os machos ficam reunidos muito tempo longe das fêmeas e acabam tendo relação sexual entre si.

Bom, quando ouvi essas perguntas e essa contextualização pensei por um instante, será que sou viado então? Mas não demorei muito para achar diferenças entre os viados e as bixas. O que aprendi pelos caminhos que percorri é que existe toda uma grande estrutura social, comportamental que oferece lentes para que possamos ler e ser lidos. Algo que sempre tive muito afirmado para mim é que por mais que eu fizesse de tudo para ser igual ao meio que estava inserido, nunca seria o suficiente, quando começo a ficar com sede de provar das bocas que me rodeavam era uma tortura. Sempre era o, tô de boa, sempre a boca das três ou quatro da manhã, quando todos já estavam bêbados, muitas vezes a frustração vencia e o fogo no rabo por dançar queimava, eu e a pista nos pegávamos a noite toda.

Os veados, animais todos com os mesmos comportamentos, todos iguais, homogêneos¹⁰, se eu fosse um veado eu seria o inconfundível, seria visto de muito longe, eu seria aquele que não estaria no meio, eu sou aquele que nunca conseguiu estar entre eles. Os viados ficam com viados, eles ficam com seus iguais. Consigo afirmar hoje que não sou viado porque os VIADOS não me tiveram entre eles, a resposta que dou hoje é pela afirmação deles no passado. Não, não sou um VIADO. E com essa afirmação que caio em outro emaranhado.

- Entendo quando você coloca a bixa enquanto expressão de gênero, mas então um homem heterossexual poderia ser uma bixa?

Quantas vezes você já presenciou amigos heterossexuais brincando entre si de pegar na bunda um do outro, pegar no pau, chamar amigos de amor em público com o interesse de serem engraçados. Quantas vezes você viu em carnavais homens héteros cis¹¹ se vestindo de mulher e adotando gestos femininos e sendo aceitos tranquilamente. O hétero nunca sofrerá algum tipo de discriminação de sexualidade ou performatividade pois a sociedade, aceita e entende suas ações enquanto inofensivas ao sistema. É só uma brincadeira, está tudo bem. A bixa preta existe justamente através da refuta social de ser uma bixa, A BIXA É MARGINALIZADA, A BIXA É RACIALIZADA. Uma das camadas que estrutura a bixa é a resistência; ela sobrevive, ela não brinca de ser o que é, ela luta para existir, luta para viver, para não ser excluída em sociedade.

– Um homem hétero pode ser uma bixa?

Não, ele nunca será lido como tal –

¹⁰ Homogêneos: Plural de homogêneo; Qualidade atribuída a objetos que tenham mesmas características.

¹¹ Cis: Abreviação de cisgênero.

Quando no carnaval pessoas heteronormativas, cisgênero, são aceitas se vestindo como bem entendem não é porque esse momento do ano é livre de discriminação, estes são aceitos pois estão debochando, fazendo rir, se colocando em papel de ridicularização para serem as atrações. Estes se fantasiam para reforçar estereótipos, é uma forma de manutenção das opressões. Esse processo consiste no seguinte código: irei me vestir com uma roupa destinada ao gênero feminino, usar acessórios como maquiagem brinco colar, performar feminilidade, brincar de dar em cima dos meus amigos. Esse processo evidencia símbolos que são direcionados a corpos dissidentes de gênero, sexualidade e ou performatividade. Quando passa essa época, os mesmos que amaram se transformar por um dia irão perpetuar preconceito, transfobia, homofobia, machismo etc.

Está me acompanhando na tentativa de entender esse ser bixa? Seguiremos. A bixa não está em uma configuração que o sistema tenha construído, sendo assim uma fissura, sua existência não é compreendida, a bixa produz o pensar. Ela existe no entre, no meio do homem e da mulher, não é isso ou aquilo, não é explicável, ela é vista e reconhecida através da desorientação. Não confunda a bixa com a gay afeminada, enquanto o gay luta para se casar e poder adotar filhos, a bixa luta para conseguir viver, para existir dentro da própria comunidade. Quando homens gays reconhecem uma bixa, esta é apagada, julgada, refutada, ela é tida como caricata, escandalosa, desnecessária.

A BIXA É RACIALIZADA!!!!

Em meus caminhos entrei na trilha que me levou a ler o livro, Racismo Recreativo, do escritor Adilson Moreira (2019). Logo no início ele aborda os projetos raciais e processos de racialização que se desenvolvem na sociedade. Quando me deparo com a definição de racialização.

A racialização seria uma forma de construção e de diferenciação dos indivíduos, prática que possui um objetivo específico: a raça é uma marca que representa as relações de poder presentes em dada sociedade. Não há portanto, brancos e negros, mas sim mecanismos de atribuição de sentido a traços fenotípicos para que a dominação de um grupo sobre o outro possa ser legitimada. Assim devemos entender a raça como uma construção social que procura validar projetos de dominação baseados na hierarquização entre grupos com características físicas (Moreira, 2019, p. 30).

Tendo em vista o processo de poder sobre uma determinada raça sob a outra, reconheço que a bixa para ser bixa tem que ser PRETA. Quando o homem branco se coloca enquanto homem gay, não existe uma obrigatoriedade sobre como seu corpo deve ser, como ele deve agir. Para o homem preto, quando ele assume sua dissidência de sexualidade ainda existe a cobrança sobre características físicas, modo de ser durante o sexo, de ter uma virilidade alta, ou seja, sempre se é esperado do homem preto uma performatividade masculinidade que historicamente foi construída como característica “das pessoas dessa raça”. O processo de racialização coloca o indivíduo preto sempre abaixo em qualquer forma de organização sistêmica. A existência de poder sobre os corpos pretos sempre fará com que as bixas pretas sejam lidas e entendidas enquanto diferentes e marcadas como não pertencentes.

Sua performatividade e construção enquanto indivíduo passa junto ao processo da racialização. O homem branco gay mesmo que seja afeminado, tende a esperar do homem preto toda uma alta performatividade máscula, agressiva, ativa, dominadora, o homem gay branco afeminado ou não, também contribui para manutenções sociais que mantem, exigem e espera toda uma estrutura existencial do homem preto.

Outra desorientação, no caso a maior de todas, foi quando escutei a seguinte colocação:

-Eu não acho que uma bixa possa ser hipersexualizada, reconheço que ela é preterida, a bixa é a boca as escondidas depois das três, é a mamada rápida no banheiro, ela não está no lugar de ser desejada, ela será sempre a última a ser escolhida. Logo eu reconheço que a bixa passa por um preterimento e não uma hipersexualização.

Reconheço que esse ponto é o principal motivo de todas essas voltas e mais voltass. Como explicar a hipersexualização da bixa preta? Como uma bixa, que nunca é escolhida, poderia ser assim, tão fervorosamente imaginada, desejada, como que a gana de se apropriar dessa bixa preta existe? Iniciarei esta reflexão pensando na hipersexualização da pessoa preta e para isso irei trazer a explicação realizada por Thula Pires, no vídeo, Hipersexualização e Objetificação: Como estereótipos racistas impactam pessoas pretas | sexta black, disponível no youtube pelo canal GNT, ela explica que: “A hipersexualização de corpos negros é uma das heranças do projeto colonial escravista que projetou sobre os corpos de pessoas negras, uma visão que é depreciativa, que é inferiorizadora e que ressalta apenas determinados aspectos, que visto os olhos do colonizador projetam sobre nós uma noção de disponibilidade sobre nossos corpos ”

Quando se hipersexualiza uma pessoa preta, não é apenas um desejo profundo, uma vontade quase que irracional em querer consumir aquele corpo, seus traços e características físicas, são as únicas informações importantes, são as únicas formas de avaliar o indivíduo. A pessoa que está hipersexualizando tem seu desejo como principal objetivo a ser saciado. Olhar para um corpo e querer tê-lo, independente de como, sem levar em consideração o desejo da outra pessoa, seus sentimentos, vontades, querendo consumir determinada pessoa por se sentir atraído por uma, ou algumas partes de seu corpo ou até movido por um imaginário. Quando analiso a forma que uma pessoa preta é tratada vejo que esta tem sempre sua humanidade dissociada, sempre é tida como disponível.

A pessoa preta tende a desenvolver relações que partem de uma carência, pois desde sempre lhe é negado afeto e amor, é destinado somente o desejo sobre seu corpo. Quando se sexualiza algum indivíduo este tem alguma característica que se é ressaltada ou imposta, porém ainda há uma profundidade racional que se é levada em consideração, ainda existe um reconhecimento deste enquanto um ser pensante. A pessoa preta já é inserida enquanto o ser animalizado, sempre tem seus direitos retidos, seus sentimentos não considerados. Pensando por uma comparação a pessoa preta é inserida com essa camada, logo, o indivíduo preto hipersexualizado não enfrenta somente um grande desejo pelo seu corpo, esta é mais uma das formas que o racismo encontrou para manter esses corpos sobre controle, os colocando como disponíveis, os privando de afeto e fazendo com que relações motivadas por desejos que partem de um imaginário seja o principal motivador.

META NÚMERO TRÊS: DESATANDO OS NÓS

Foram tantos caminhos percorridos, toda uma vida tendo ao máximo que entender o porquê, os por quês, como uma espécie de tentativa e erro fui percebendo que tudo sempre me levava ao mesmo lugar, o tentar não adiantava, a única sensação era a de indignação. Fui vivendo, caindo, me ferindo, mas aprendendo. Quanto mais seguia sendo o que me obrigavam a ser, mais percebia o quão difícil era. Como conseguir sustentar tantas máscaras? Sempre me falaram o que e como deveria ser. Mas você não precisa obrigar um leão a ser um leão, ele é e pronto! Você não precisa ensinar um peixe a nadar, ele já nasce sabendo. Então o que eu sou? Fracassei em ser como queriam, isso me torna o que? Menos homem? Menos preto? Não estou nem perto de conseguir as respostas que tanto procurei, mas hoje imagino esboços do quão no meio deste emaranhado estou. Sabe o que descobri?

Toda pessoa preta tem seu corpo hipersexualizado, isso se configura com o modo que as pessoas pretas são muitas vezes resumidas a objetos, tendo somente seus corpos e habilidades físicas valorizadas; isto é, a vontade de ter aquele corpo, de usá-lo. O período escravocrata fez com que pessoas pretas tivessem seus corpos vistos como disponíveis, que pudessem ser usados por quem os possuía (o colonizador escravocrata) da maneira que bem entendesse. Essas pessoas tiveram sua humanidade arrancada; ser preto passou a trazer consigo rótulos que induzem o imaginário da sociedade sobre suas existências. Se arrancamos a humanidade de uma pessoa, ela se torna um objeto sem direitos, sem autonomia, terá somente seu corpo como forma de análise.

O Brasil existe sob uma estrutura de poder social que não somente coloca as pessoas com grandes poderes aquisitivo no comando, mas também utiliza a racialização social como um mecanismo de controle. Ser preto no Brasil é também ter que lidar com relações subsequentes de todo um folclore criado sobre nós. Decido ir mais além, concluo que a hipersexualização é uma experimentação somente para pessoas pretas, pois somente essas pessoas têm, ao longo de suas vidas, o impedimento ao afeto, ao amor; são tachadas como objetos sexuais por seus traços fenotípicos (e ideias racistas sobre suas existências e corpos); não são tidas como possibilidades de relação fixa e duradoura. É o desejo por estes corpos, motivado por um folclore sobre sua virilidade sexual, que faz com que sejam procurados; mas não por um sincero e genuíno interesse, apenas para que os desejos sexuais das outras pessoas possam ser saciados.

Reconheço que isto ocorre a partir de poder, no livro *Racismo Recreativo* (2019) de Adilson Moreira, podemos ver como que na sociedade as pessoas pretas foram racializadas, um processo que surge devido o poder da branquitude. Em *Racismo Estrutural* (2019), de Silvio de Almeida, encontramos quais formas o racismo está inserido na sociedade, através de instituições, concepções individuais e coletivas que normalizaram formas de tratamento racistas. A criação de estereótipos, da cultura de estupro e miscigenação de pessoas pretas, a marginalização desses corpos, toda a objetificação, tudo parte das relações de poder.

Quem detém o poder?

Quem utilizou de argumentos científicos para escravizar e massacrar todo um povo?

Quem não reconhece a existência do racismo quando o maior número de genocídio é da população preta?

Quais pessoas foram e são qualificadas através de seus fenótipos, validadas de acordo com seus corpos, reconhecidas somente como mão de obra? As formas de tratamento colocaram o povo preto como incapazes de negar formas de interação. Quando se é preto cresce vendo que a beleza, que o modelo a ser e seguir são as pessoas brancas. Ser preto e viver tendo que lidar com toda uma questão estética embranquecedora que coloca seus traços como não belos, faz com que o povo preto se desenvolva vivendo de migalhas de atenção. O que causa essa vontade de ter esse corpo preto? O que te chama a atenção, ou o que você vê primeiro na pessoa preta? Por que levar um não de uma pessoa preta gera tanto incomodo? Compreendo que a hipersexualização é uma das ramificações do racismo. O imaginário, a detenção de poder, a forma sistêmica que faz com que a população preta seja desde criança repudiada e em determinado momento passa a ter certo tipo de atenção, que atenção é essa?

Um corpo sem possibilidade de escolha, rejeitado e que quando apresenta determinados traços de um amadurecimento gera curiosidade, desejo. Não precisamos colocar somente teóricos à mesa para que eu tenha minhas afirmações validadas, as produções culturais como pinturas, músicas, filmes, novelas, quadros etc., também tem ao longo da história um grande papel em conseguir retratar a realidade no qual o corpo se está inserido. Convido seus olhos a percorrer por músicas cantadas por algumas pessoas pretas:

Vem!¹²

Vou te pegar bolado (*não ligo*)

Quer deixar no sigilo? (*eu deixo*)

Quer vir para a minha base? (*eu quero*) ...

Fala baixin (**ai, preto!**)

Olha para mim (**ai, preto!**)

Fala meu nome (**ai, preto!**)

Joga pro homem (**ai, preto!**)

Na música, *ai, preto!* Temos a voz principal sendo cantada por um homem preto e dentro dos parênteses é falado por uma mulher. “Vou te pegar bolado”, começamos com um recado direto, bolado é puto, com raiva, cara fechada e sem dó. Quando o cantor pede para que a relação deles esteja no sigilo imagino algumas possibilidades, que este homem pode vir a ter outra, ou outras mulheres, com o qual se relaciona, talvez ninguém possa descobrir que estão transando, pois isso seria algo vergonhoso pra ela, e aí nesse caso se é vergonhoso pra ela, o porquê seria? Porque ter o conhecimento de que ela está com um homem preto é sinal de vergonha, será que ela já está em algum relacionamento também ou ele é visto como alguém a nível de vergonha? Vergonha por ele ser preto? Ele canta os comandos que pede para ela na cama. A voz feminina não somente responde, ela é falada com uma voz macia e suave, não ligo, eu deixo, eu quero. AIIIIIM pretoooo. Dor, está doendo. AI PRETO, é a dor de ter aquele pau preto e grande dentro dela.

Vou te pegar bolado, joga pro homem, fala meu nome. Um homem que se coloca enquanto figura que dá as ordens, que manda, que oferece ser as escondidas, pois sabe que poderia gerar problemas se descobrirem tal interação. Por que ele está bolado? Será que este homem estava correndo atrás dela e ela não queria, e de última hora ela quis? Será que este homem não tem suas vontades validadas e tem que estar a disposição logo que ela quer? Será

¹² Música: Ai, preto. L7nnon, DJ Biel do Furduncinho, Bianca.

que o jeito que ele manda, faz, e aceita ficar no sigilo, a fez mudar de ideia? O jeito que faz poderia ser o único motivador para que esta relação aconteça? Sua forma agressiva e dominadora seria o principal motivo de ser procurado?

Escolhe¹³ o bandido que tu vai sentar primeiro.

Só bandido gostoso essa tropa tá de demais,

Vou ter que escolher em qual eu quero sentar mais,

uni, duni, tê

uni, duni, tê

Hoje o bandido escolhido foi você.

Que me bota, bota,

Que fode, fode gostoso,

Que me bota, bota,

Que fode, fode gostoso

Só abusadão, cara fechada, posturado gostoso.

Quando imagino a romantização da criminalidade de corpos pretos é exatamente essa música que vem em minha mente. Essa música tem seu refrão cantado por uma mulher preta. Primeiro ela deve escolher em qual bandido sentar primeiro. O cenário foi dado, a tropa de amigos está de acordo que todos vão ficar com ela, eles são amigos, tudo tranquilo compartilhar. Ela coloca que todos são gostosos e terá que escolher, mas como? UNI DUNI TÊ. Quem vem primeiro não faz diferença, a ordem não importa, só precisa organizar. Hoje será você. Que bota, que fode gostoso, que bota bota bota bota bota bota bota bota bota bota gostoso. Tu é abusado com a cara fechada com postura de homem e gostoso, hoje eu sento em você. Tu é bandido, isso dá tesão. A imagem do homem preto violento, agressivo, traz uma certeza,

¹³ Música: Escolhe o bandido. MC CH da Z.O, MC Myres, Danalso do recife, eoo Kenedy, Deyvinho PL.

vai fuder sem dó, vai fazer com força, vai me saciar. Mas são tantos bandidos. Uni duni tê, escolho você. Você é abusado, faz o que quer. Essa cara fechada, uma energia que a qualquer momento tudo pode ir pelos ares.

Eu¹⁴ tô na boca e na mente dela,

Quero ver esquecer o pretão.

Tapa no rosto, soquinho na costela,

Safado, gostoso do sexo bom.

Eu tô na boca e na mente dela,

Quero ver esquecer o pretão.

Tapa no rosto, soquinho na costela,

Safado, gostoso do sexo bom.

O homem preto só fica no imaginário se der tapa na cara, soco na costela, se for safado. Sexo bom é quando o homem preto é HOMEM, quando ele bate e é firme. Assim que o sexo é gostoso. As músicas anteriores conseguem mostrar minimamente como o homem preto desempenha seu papel, ser bandido dá tesão, tem que bater pra não ser esquecido, ninguém pode saber que estamos transando. Durante, você geme meu nome, fala baixo olhando para mim. EU SOU O PRETÃO SAFADO GOSTOSO DO SEXO BOM. Sou Homem com H, vou te bater, dar soco, te tratar como um nada. Eu sei que é por isso que está aqui, por saber como eu fodo. Você não me esquece, porque só eu sei te pegar de jeito.

Lá¹⁵ vem o negão

Cheio de paixão

Querendo ganhar todas meninas,

¹⁴ Música: Quero ver esquecer o pretão. Mc Durrony, Dj GB do Dick

¹⁵ Música: Lá vem o negão. Cia do Samba

Nem coroa ele perdoa não.

Fungou no cangote, da linda morena

Loirinha a cafungada do negão, é um problema. (2x)

Se ninguém soube lhe amar pode se preparar chegou a salvação

Só alegria, pode se arrumar que chegou o negão.

Mas se é compromissada é melhor não vacilar,

Basta um sorriso no olhar pro negão te catar.

Lá vem o negão

Cheio de paixão

Querendo ganhar todas menininhas,

Nem coroa ele perdoa não.

Fungou no cangote, da linda morena

Loirinha a cafungada do negão, é um problema. (2x)

Vem negão, vem depressa, é o mulherio a gritar

Vem negão a hora é essa, vamos deitar e rolar

Na praia, na rua, no supermercado

Na feira é maior curtição

As garotinhas já vêm requebrando pra ficar com esse negão.

Decidi colocar a música, “Lá vem o negão”, quase que inteira pois achei que toda a sua letra é um grande prato a ser analisado. “Lá vem o negão cheio de paixão”... a informação da sua cor é o mais importante a informação da sua cor é o mais importante, ele vem todo cheio de amor para dar, seu coração é TÃO GRANDE. Ele quer ganhar todas as meninas, loiras, morenas, novas velhas, ele é uma máquina. Ele chega as mulheres, respira em seu pescoço, ele sabe que elas não resistem e esse é o problema, elas não podem mas não conseguem resistir. Se ninguém soube te dar aquela amada, chegou a sua salvação. O

problema das compromissadas? Basta ser discreta que ele vai entender seu sinal e dar aquela bela catada que você quer. As mulheres gritam chamando pelo negão, elas não conseguem se controlar de vontade. É agora, vamos deitar e rolar aonde der, eu sei que esse negão não tem frescura, ele aceita fazer em qualquer lugar.

A construção desse homem mostra O NEGÃO, aquele que não recusa nenhuma mulher, casadas novas, solteiras, seu desejo sexual da conta de todas. Elas que não são saciadas por outros homens serão realizadas por ele. Seu jeito malandro conquista a todas elas e elas gritam implorando por ele. O que ele tem pra dar e te satisfazer vai salvar o seu dia, e como principal ele aceita fazer aqui e agora, escondido na rua, nos becos, praia, contanto que ninguém esteja vendo. Lá vem o negão consegue representar de várias formas como o homem preto é desejado, e como este lida dentro desta realidade. Ele tem o que todas elas querem e ele não vai escolher ou selecionar todas serão salvas quando o negão pegá-las.

Além da música temos a televisão brasileira. Um instrumento que serve como ponte para a grande massa do país, que não se debruça sobre determinados assuntos que possam visualizar relações sociais, problemas estruturais como machismo, manipulação, vingança etc. Em uma entrevista ao podcast¹⁶, Sobre os prazeres deles, no episódio, Todo negro tem pauzão? O ator Daniel Zulu, convidado, compartilha que todas as novelas que ele fez, seus personagens acabam sendo todos relacionados à imagem do preto sexual musculoso, que a dramaturgia das histórias chegava a esses pontos mesmo sem uma coesão dramática. Ele relata que assim que os diretores viam que ele tinha um corpo malhado, automaticamente era colocado cenas nas quais estaria sem camisa, simplesmente para mostrar seu físico. Ele também conta como foi protagonizar um papel no qual era par romântico de outro homem, eles interpretavam um casal homossexual na novela, seu personagem que tinham que lidar com o preconceito da sogra. Daniel conta que ouvia de algumas pessoas telespectadoras, frases como, “Como pode um negão desse ser gay?” Pessoas estas que além de não saberem diferenciar a realidade da ficção ainda estavam presas a ideia de que um homem preto musculoso não pode ter uma dissidência de sexualidade.

O filme Mandingo – O fruto da vingança (1975) passa sua história na época da escravidão na América do Norte. O filme mostra como ocorria o processo de venda dos escravos, quais pontos físicos eram mais avaliados, cenas como uma mulher branca e viúva

¹⁶ Conteúdo em áudio, disponibilizado em plataformas online, sendo possível acessar a qualquer momento.

decide comprar um escravo pois o pênis dele a agradou. Vemos também no filme estupro corretivo de escravos homens, mulheres pretas sendo estupradas pelos senhores com o intuito de engravidá-las para fim de aumentar mão de obra. Mandingo retrata como as pessoas pretas da época não tinham uma humanidade reconhecida e respeitada.

O que você fez comigo Cabelinho? A imagem do homem preto aparece constantemente com a reação de gerar tesão, curiosidade de seu pau, seu jeito macho e agressivo mexe com o nosso interno. O que o torna uma possibilidade é ser macho, fazer gostoso e ter pauzão. O corpo do homem preto é também utilizado como símbolo de piada. Por exemplo, o negão da piroca, um meme muito compartilhado pelo whatsapp e redes sociais, é motivo de muita risada e pegadinhas. Um vídeo ou foto até então despretensioso é recebido através de alguma rede social e quando clicado ou em determinado momento do vídeo, uma grande rola preta salta a tela. O pau que te faz babar também te faz rir?

Seguindo para mais uma camada. Uma vez levei a discussão do corpo do homem preto e a hipersexualização que sofre para um debate em aula, essa turma tinha a presença de oito mulheres, seis delas brancas incluindo a professora, uma aluna preta e uma aluna japonesa, havia também um gay branco e eu, uma bixa preta. Como a discussão estava sendo proposta por mim, chamei uma bixa preta que é minha amiga e que pesquisa sobre o corpo preto dentro da dramaturgia. Eu estava com muito receio desta roda de conversa, pois compreendo que a mulher branca sofre diversas experiências desenvolvidas pelo patriarcado. Comecei perguntando o que cada pessoa ali compreendia enquanto hipersexualização. Assim cada pessoa começou a colocar suas opiniões, experiência etc.

Com a nossa conversa afirmei para mim que a mulher branca vivencia a sexualização de seu corpo e que mesmo lidando com todo o machismo e sua opressão ela ainda será vista e reconhecida como parte importante da sociedade, detendo poder e uma credibilidade devido sua raça, o que logo a faz ser respeitada como pessoa. Quando em minha pesquisa entro em contato com a escrita da Carla Akotirene (2019) sobre interseccionalidade, compreendo que a figura da mulher branca no início do movimento feminista perpetua racismo e transfobia, esta não tinha como pauta a mulher preta ou mulheres Tans e Travestis. Enquanto a mulher branca lutava para conseguir seu direito a voto e a trabalhar a mulher preta estava cuidando da casa e dos filhos da branca para ela poder reivindicar. Através do feminismo negro surge uma ferramenta de análise que é de extrema importância, a interseccionalidade.

A interseccionalidade instrumentalizou a luta do feminismo negro, trazendo o reconhecimento de que não era somente um agente sistêmico que atuava sobre elas, que a luta delas era para contra o racismo de toda a comunidade branca, machismo, opressões dentro e fora de casa, discriminação de gênero, de sexualidade. O conceito de interseccionalidade nos permite analisar as camadas que atuam sobre os corpos, entendendo como uma desenvolve sua relação sob a outra. Em seu livro *Interseccionalidade*, Carla Akotirene (2020) aponta que esse conceito é uma ferramenta importante de análise que permite compreender como capitalismo, racismo, patriarcado atuam de forma convergente, que a luta de uma classe não está somente ligada a aquela questão, mas que todas essas camadas devem ser enfrentadas por todas as partes (no livro há uma escolha de análise sobre os corpos de mulheres negras, já que o feminismo negro é uma das teorias estudadas pela autora). Ou seja, é fundamental que todas as camadas que compõem todas as suas marcações sociais sejam compreendidas para que possamos fazer uma leitura mais aprofundada sobre este tema. Esta forma de olhar, não somente para uma ferramenta de opressão, mas se permitindo ampliar o campo de visão coloca este conceito como uma espécie de zoom out¹⁷, distancia o olhar de um único ponto e analisa toda a estrutura por completo.

É com essa epistemologia negra que consigo debater A BIXA PRETA.

Olhamos para as camadas que constitui um homem, para em seguida analisarmos o que constitui um homem preto. Entendendo o que poderia vir a ser uma bixa, precisamos utilizar de uma ferramenta conceitual da luta feminista das mulheres pretas para, somente assim, conseguir fazer com que você possa me acompanhar em minha última análise, um ponto que talvez você nem se lembre mais ou que tenha passado batido. *A bixa preta é hipersexualizada?*

Quando vejo que a bixa é o fracasso sistêmico é por que se é esperado para aquele corpo uma performatividade específica, um modo de ser, agir, gostar etc. Quando somamos ao fato de o corpo em análise ser um corpo preto é adicionado todo o perfil de estereótipos sexuais, o que cada camada resulta em determinadas consequências. Uma das consequências de fugir das normas da branquitude é vivenciar seu corpo como principal código de leitura, com suas múltiplas interpretações. Então quando o sistema olha para um

¹⁷ Zoom out, diminuir o zoom de uma imagem. Aumentar a área de visão.

homem preto espera que ele tenha jeito de homem e que seja preto, de acordo com suas determinações.

A bixa preta fatura então ao que se é esperado para o homem e para o ser preto. De acordo com as estruturas ela não está de acordo com suas lentes de leitura. Se todo indivíduo preto é hipersexualizado, qual a consequência que a bixa preta experimenta? Percebo então que a bixa preta possa experimentar o que penso ser, a **hipersexualização da repulsa**. Um corpo que é fabricado para ser desejado, usado e descartado está contra o sistema, este corpo se coloca como antagonista, um corpo que se forma ali, tentando caber nos moldes e o modifica, o salta se colocando fora. Uma bixa preta não tem funcionalidade dentro do CISTema¹⁸.

A minha **desorientadora** me disse que ela não conseguiu me acompanhar na minha fabulação da hipersexualização da repulsa, talvez seja também o seu caso. Para mim é indiscutível que corpos pretos não sejam hipersexualizados, e espero que você que me percorre com seus olhos a tanto tempo também tenha chegado a esta conclusão. Analiso que essa camada existe e antecede a tudo. Quando a sociedade se depara com este ser/estar bixa, ocorre uma refuta. Tentarão a todo momento colocar essa existência em algum lugar que consiga compreender, falhando. A bixa passa pela discriminação, ela vai ser refutada, julgada, analisada, morta, apagada, assassinada. O corpo que tem que ser macho, gostoso, pauzudo, agressivo, é uma boneka.

Mas o que viria a ser a Hipersexualização da repulsa? Para isso tentarei utilizar de uma metáfora. A Bixa está para a X assim, como a hipersexualização está para repulsa. Se colocarmos no papel encontraremos a seguinte questão.

HIPERSEXUALIZAÇÃO _____ REPULSA

BIXA _____ X

Multiplicaremos cruzado

¹⁸Utilizo de CISTema através de referências textuais produzidas pela mestrandia Whander Alípio, que trás o sistema como forma de referência ao cisgênero, compreendendo suas formas hetero normativas de existir, relacionando a estrutura sistêmica que constitui nossa sociedade.

HIPERSEXUALIZAÇÃO . X = REPULSA . BIXA

HIPERSEXUALIZAÇÃO X = REPULSA BIXA

Logo a hipersexualização passará dividindo

X = REPULSA BIXA

HIPERSEXUALIZAÇÃO

Quantas hipersexualizações cabem na Bixa/Repulsa?

Esta resposta, assim como a própria existência da bixa habita no entre, deixo que o resultado desta questão seja respondido unicamente através da **vivência**, quais hipersexualizações uma Preta Bixa/Repulsa experiencia, é possível ser respondida unicamente por ela mesma. As respostas poderão ser as mais diversas, cada uma terá em sua trajetória seus pensamentos, sentimentos e conclusões. A fabulação da Hipersexualização da Repulsa não terá aqui uma resposta direta e objetiva pois a mesma está diretamente ligada a Bixa, e o que esta vem a experienciar é um resultado de sua individualidade relacionado ao seu contexto de espaço e tempo.

O corpo da bixa preta é lido primeiro como preto, porém não está de acordo com o esperado. Cadê o negão? Onde está o Macho? Será que ainda tem pauzão? Mas e essa boca, será que chupa bem? Certeza que dá gostoso. Que horas está livre para me deixar arrombado? Me manda foto, deixa eu ver esse pauzão. Foi mal, não curto afeminados. Desejada por ser preta, a bixa existe na curiosidade. Ela é consumida nas imaginações; é vista somente como uma mamada gostosa ou um dote dos sonhos. BIXA PRETA aprende a se saciar com o que consegue, ela está aqui existindo na sua imaginação.

É aqui, na sua mente, após essas páginas. Espero que tenha conseguido fazer com que você não se perdessem, que tenha conseguido olhar os caminhos que passei e quais lugares cheguei. Neste ponto de minhas escritas existe essa bixa preta, que viveu e vivencia suas bixarias, tentando sobreviver e existir. Para além das questões a respeito de racismos, performatividades, discriminações, racializações, LGBTfobias, entre outras questões sociais que tive que trazer. Gostaria de falar que sou uma bixa preta que faz e pensa a arte. Em

minhas buscas para me autoentender, desenvolvi fabulações durante minha graduação. Este corpo preto bixa existiu em um espaço que o sistema não quer que eu esteja.

Resistindo pude desenvolver em minha graduação um trabalho, este foi falado anteriormente em O QUE É UM CORPO PRETO EM CENA? Desenvolvido na disciplina de Estágio Supervisionado de Ateliê do Corpo/Atuação¹⁹, este trabalho é, para mim, um dos mais importantes trabalhos que realizei na graduação do Curso de Dança da UFU. Como você já entendeu, eu sou estas páginas, linhas, frases, parágrafos, e convido você a me ter de outra forma. Tenha a possibilidade de conhecer uma **ARTE PRETA BIXA**. Conheça meus processos e resultados que foram desenvolvidos em paralelo a este texto.

Não irei contextualizar exatamente o tempo e contexto histórico de desenvolvimento deste trabalho artístico, já passamos por isso, mas como estamos em um formato textual, para que não tenha muita perda de experiência, seguirei a seguinte sequência: contarei qual foi o pensamento que desenvolvi para o público, lugar, hora, dia, evento, ferramentas, elementos cênicos. Não irei compartilhar aqui quais minhas formas de leitura e entendimento para cada elemento, cenas, escolhas dramáticas, meu objetivo e conseguir compartilhar ao máximo meu processo e os caminhos que percorri, tentando ao máximo não influenciar seus pensamentos. Iniciaremos nossa autópsia no trabalho, UM CORPO.

¹⁹ Disciplina com duração de três semestres com o objetivo de desenvolvimento de um trabalho artístico, partindo do interesse individual ou coletivo da turma, acompanhado por um/uma docente do curso.

UM CORPO

Este trabalho surge de inquietações, dúvidas, incômodos, dores, e da necessidade de desabafo dessa bixa preta, através de um processo de pesquisa autoetnográfica, bibliográfica e autobiográfica. Para o desenvolvimento deste trabalho tive que conseguir compreender as camadas que me constitui para que, em seguida, tentasse traduzir para o formato final. O disparador foi o desejo de debater arte, produções artísticas, quem acessa determinadas artes. Reconhecendo que meu corpo preto é um símbolo semiótico indissociável da cena, os caminhos me levaram a pensar o corpo do homem preto e a hipersexualização que passa.



Imagem 1: QRcode de acesso ao primeiro vídeo de experimentação. Acervo pessoal

O vídeo de acesso por este QR CODE foi o primeiro experimento do que viria a se transformar meu trabalho. Este vídeo foi elaborado para existir dentro do site Onlyfans²⁰. Em uma das aulas de estágio, compartilho esse fragmento e recebo feedback das alunas e professora. Uma leitura deste vídeo que eu não havia desenvolvido propositalmente foi, como a cadeira rosa entraria em cena? Algumas alunas compartilham que uma das leituras que tiveram as levaram a pensar em cenas relacionadas a pedofilia, tendo em vista a calça social, como um símbolo de roupas de pessoas mais maduras, a cadeira rosa relacionando a um elemento infantil e o cenário com aspecto de algo mais caseiro com uma iluminação mais dura.

²⁰ Site online maior de 18 anos com venda de conteúdos por pacotes pagos.

Reconheço os símbolos e concordo que todos juntos, sim, abrem espaço para esta interpretação. Não quero falar de pedofilia, então como dissociar meu trabalho deste campo? A cadeira rosa foi a primeira a sumir. O figurino, deixei de lado por um tempo, pois não sabia o que poderia vir a ser utilizado em cena. Decidi então ver quais elementos não sairiam de forma alguma. O uso do falo junto com a camisinha entra em cena com um grande direcionador sobre o tema e as discussões que o trabalho poderia vir a ter. Em sequência, quando utilizo a sacola plástica na minha cabeça, escolho esta ação para criar uma relação entre o falo e eu. Outro elemento que continuaria é a escolha de recorte de cena. A escolha em não mostrar o rosto me surge como uma forma de tentar me distanciar da cena.

O tempo passa e surge e suposta notícia que o Only Fans não permitiria mais conteúdos de nudez em sua plataforma. Com esta grande mudança tive que recuar e entender melhor como este site estava compondo com meu trabalho. Meu desejo era a possibilidade de interação com as pessoas que fossem acessar meus conteúdos, através destas relações de comunicação virtual eu adquiriria mais material para a produção de novos vídeos. Tive que abrir mão deste elemento na dramaturgia, meu desejo era a relação de comunicação que me possibilitasse manter meu trabalho em constante atualização. Me apresentam o wix, plataforma de desenvolvimento de sites com backgrounds já elaborados, sendo gratuita a utilização e edição.

Inicio o planejamento de um site para meu trabalho, possibilitando a relação de interação das pessoas que acessarem comigo. Para além de aprender a criar um site, estava desenvolvendo a relação do audiovisual, pensando dramaturgia, figurino, técnicas de captura, elementos cênicos em relação ao site, quais cores utilizar, formas de acesso, forma de escrita, como ocorreria a interação com o trabalho, como trazer meus temas disparadores entre várias outras questões que me deparei ao pensar este trabalho virtual.

Retorno para o desenvolvimento de vídeos, pensando em uma relação de vídeo performance. Uma grande característica que gosto de trabalhar é com a pouca utilização de elementos em cena, saber reconhecer os objetos em cena e quais caminhos eles podem guiar o espectador. Menos é mais. Segui então para um segundo experimento.



Imagem 2: QR code de acesso ao segundo vídeo de experimento. Acervo pessoal.

Para este segundo momento tento retirar qualquer elemento que possa relacionar a questão de pedofilia. Começo a trazer como as perguntas disparadoras me atravessam, como me sinto, como vejo e reconheço estes elementos em minha vida. A sensação de ser resumido a um corpo que é resumido a um pau me ecoava, mas meu corpo é um corpo bixa, como passo por isso? O desenvolvimento deste trabalho sempre esteve relacionado ao meu interesse de tema do TCC: a hipersexualização do meu corpo. Para além de um trabalho artístico com desenvolvimento partindo de experimentações, tive que me debruçar em várias discussões conceituais. Tive que aprender ao máximo quais relações minha existência vivenciava e porquê vivencio cada uma delas, para que pudesse trabalhar da melhor forma. Como eu poderia fazer um trabalho sem saber ao máximo das minhas próprias questões?

Quando compartilho minha segunda experimentação com a turma vejo que consegui direcionar melhor os símbolos e signos, estreitando melhor meus temas do trabalho. O segundo vídeo foi compartilhado em um único produto, porém, foi pensado como uma espécie de pergunta e resposta, um vídeo mais longo com várias cenas que tem uma relação de complementação de significados.

Primeira cena:



Imagem 3



Imagem 4



Imagem 5

Imagens 3, 4, 5: Captura de frames do vídeo falorgia, disponível no site <https://brunoribela.wixsite.com/my-site>

Em primeiro momento, me coloco a moldar um falo de argila, o líquido para me auxiliar no processo pode ser entendido como café. Escolho não mostrar o rosto por completo. A escolha da mesa consiste devido a uma relação estética de cores. Escolho o copo americano por ser um objeto comum na maioria das casas dos brasileiros, de fácil identificação. A roupa social com botões abertos, manga rasgada, é escolhida para trazer uma sensualidade não escancarada.

Após terminar a modelagem, um corte de edição, ele está seco e duro, estou em pé na cena e início a ação de colocar uma camisinha no falo. O deixo em pé e assim se encerra o que reconheço enquanto primeira cena.

Segunda cena:



Imagem 6

Parado sem camiseta de frente a câmera. A feição do rosto aos poucos vai se modificando de um singelo sorriso a um choro. Como que as lágrimas que escorrem o rosto o moldam?



Imagem 7



Imagem 8



Imagem 9

Imagens 6, 7, 8, 9: Captura de fomes do vídeo não consigo respirar, disponível no site

<https://brunoribela.wixsite.com/my-site>

A segunda cena contém uma ação simples. Parar de frente à câmera, rosto à mostra, em seguida coloco uma sacola de alguma loja de “varejão” na cabeça e tampo a boca

da sacola com fita adesiva. Estas ações foram pensadas como uma resposta a cena número um. Tentativa de fazer o espectador relacionar o pau de argila a mim. Eu sou o pau ou o pau sou eu?

Terceira cena:



Imagem 10



Imagem 11



Imagem 12

Imagens 10, 11, 12: Captura de frames do vídeo Endireita, disponível no site <https://brunoribela.wixsite.com/my-site>

Um falo de argila envolto de uma camisinha, o coloco deitado sob a mesa e com um pedaço de pau vou batendo nele até quebrar ao máximo. Cada batida, um frame de um vídeo no qual estou nú, com as mãos e braços amarrados com cintos pretos de couro. Me desloco até ficar sobre a mesa. Com a edição construo a ilusão do que meu corpo sente cada impacto direcionado ao falo.

Este foi o teste número dois. Quando compartilho com a turma, o campo de pedofilia já não era acessado através do trabalho, tenho retornos que me indicam como cada

elemento escolhido, forma de utilização, escolhas de enquadramento, presença em cena estavam funcionando para cada pessoa. Consigo compreender melhor e direcionar mais ainda meu processo. Após essa etapa escolho focar na construção do site. O que é esse site? Como ele funciona? Escolha de comunicação? Somente vídeo? Como ter a relação de resposta do público com meus vídeos?

Explicar o desenvolvimento do meu site será o mais difícil. Ele mudou tantas vezes que nem me lembro mais. A maior virada que tive com meu site foi em uma aula de Práticas Corporais II. Na metade do semestre ocorre uma troca de professoras e ela me colocou uma questão que me fez pensar toda a construção deste trabalho de outra forma. Eu estava pensativo sobre a mudança de normas do Only Fans e não sabia como seguir com a construção do site.

- Por que continuar sofrendo essas agressões? você já tem muitas vivências que consegue utilizar, não precisa se expor mais.

É, acho que vou abrir mão mesmo. Pensei também que eu poderia trazer minhas experiências com esse tema e de outras pessoas, mostrar que é uma vivência mais comum do que pensamos. –

-Acho uma proposta muito interessante, você criaria um acervo de relatos, poderia continuar crescendo cada vez mais já que você pretende seguir atualizando essas produções.

Um acervo, não tinha compreendido esse recolhimento e compartilhamento enquanto acervo. Na mesma hora me lembro do livro, Memórias da Plantação (2019), de Grada Kilomba. Quando li, achei incrível a estrutura do livro ser histórias contadas em primeira pessoa, pessoas pretas que trazem suas agressões sofridas no dia a dia, formas que o racismo está sempre presente em vários ambientes e que aparece na vida de várias pessoas distintas. Contar histórias determinou o formato de escrita que foi um grande exemplo também para o formato de escrita desse texto.

É isso, irei construir um site com um acervo, histórias de momentos que homens pretos sofreram algum tipo de hipersexualização, vou fazer vídeos e fotos performance com esse tema disparador. Paralelamente à criação deste trabalho artístico, iniciava minhas orientações de TCC. Meu orientador, em nossos encontros, me questionava sobre qual meu interesse de escrita.

Quero falar sobre a hipersexualização do homem preto, falar como isso se desenvolveu, trazer contextualização histórica e mostrar como isso existe hoje em dia –

A criação do TCC e do trabalho de estágio estão de mãos dadas, minhas pesquisas se complementam. Mas de onde eu falo? Para quem estou fazendo esses trabalhos? Como irei convidar estas pessoas a participar da criação deste acervo? Quem/qual perfil dessas pessoas, homens pretos artistas? Homens pretos? Homens trans pretos? Muitas questões para se pensar. Este processo de criação e pesquisa se desenvolveu em três semestres, muitas coisas foram modificadas, após muito experimentar, ler, pensar concluo que, não irei falar da hipersexualização do homem preto. Sou um uma bixa, falarei de mim, das minhas. Quais bixas? de início bixas pretas que estão no meu dia a dia, que convivo e tenho a maior facilidade ao encontrar. Quantas? Não sei, o máximo que eu conseguir.

Como irei me estruturar para estes encontros? Iniciarei sintonizando quais as nossas compreensões de hipersexualização. Em seguida, tentarei guiar a conversa até o momento da pessoa se sentir à vontade de compartilhar algum relato. Minha desorientadora já tinha me colocado contra a parede, me fazendo pensar que a bixa é somente preterida. Penso então que estes possíveis encontros terão um tema de início, porém não ficarei preso a pensar somente ele, ouvir o que cada pessoa pensa, sente, vivencia ou vivenciou, localizar como nossas histórias estão interseccionadas. O próximo passo é convidar estas pessoas para uma conversa, mas não posso somente chamar, descido então escrever uma carta para cada pessoa.

Querida irmã de bixaria,

Preciso que me ajude! Mas não se assuste, estou bem! De você, nada será muito exigido. Preciso de uma coisa que talvez seja meio inusitada, uma coisa que pode te deixar desconfiada ou então, um tanto intrigada. Tudo bem não me ajudar, talvez não seja para o seu momento. Sua ajuda pode ser rápida ou longa, muito ou pouco detalhada – isso dependerá de você. Já adianto que não envolve dinheiro ou algum esforço físico; mas depende inteiramente de você, mais especificamente, o que você tem a dizer. Preciso te ouvir! Saber o que pensa, o que sente, o que vem em sua mente (...). Para que isso aconteça, te convido a me encontrar presencialmente, ou se for do seu desejo, de forma online.

Talvez esteja pensando: "Mas o que eu posso falar para te ajudar?". Para isto, vou me apresentar.

Olá! Quem sou eu? Isso é muito relativo, pois depende do quanto as pessoas estão dispostas a me conhecer. Para muitos sou "A BIXA NOJENTA", metida, arrogante e com cara de cu; para outros, a gay engraçada; para muitos, o enérgico, sempre de bom humor. Porém, em todos os casos, sempre sou lido e tachado, nunca conhecido a fundo. Estes rótulos pouco me importam, pois em cada um, eu me vejo; não por inteiro, mas sim em fragmentos, é justamente disso que quero conversar - sobre um ponto um pouco mais específico - nossos corpos; corpos, estes, hipersexualizados, um corpo que para muitos não é gente, um corpo que pode ser pesado, medido, analisado, imaginado e cobiçado; já muito vendido e apanhado, em que, devido nossa história, as marcas hoje não são vistas, mas sim vividas.

Nós perdemos a voz, a terra, o direito de existir e de ser livre. Livres para ser o que somos. Perdemos o direito de ser uma pessoa. transformaram-nos em um corpo, uma peça de corte, um corpo qualquer, que de nada poderia saber, mas tem muito a dar; dar, comer, fazer, fazer gozar, realizar, reproduzir, (...). Tudo isso vem embolado e é colocado sob nós. Um ser que vive várias consequências de ser quem é, e justamente por você ser quem é, que preciso da sua ajuda.

Da minha história eu já sei, e é aí que você entra. Converse comigo, permita-me saber da sua história; o que você carrega, como sente que é lido; de você quero o que guarda - o desabafo de uma bixa preta que em toda a sua vida sempre foi analisada - que para muitos pode ter sido uma dúvida, (será que ele é?), mas que hoje é a afirmação, é a certeza de qualquer pessoa que olhe.

Saiba que te aguardo, que você é muito importante justamente por ser quem é.

Para entrar em contato comigo acesse o seguinte QR CODE

Uma carta preta com escrita branca, feita a mão e entregue presencialmente. Assim iniciei a tentativa de desenvolver um acervo. Foram feitas seis cartas; obtive retorno de quatro delas. Para cada carta um dia, horário e local de encontro, estes momentos foram todos gravados em áudios, em cada pessoa eu reconhecia praticamente todas as mesmas experiências, de forma um pouco diferente, mas estavam lá, todas agindo sobre aqueles corpos. O que também mudava era como cada uma lidava com as mesmas questões, como que cada uma chegava a determinadas conclusões vivenciadas através do mesmo sistema.

Todos os encontros realizados foram extremamente importantes para mim, bixas com pensamentos parecidos, algumas achavam que não eram e nunca se sentiram hipersexualizadas, outras achavam que sim. Em alguns encontros obtive relatos sólidos e mais diretos sobre meu maior interesse de pesquisa, mas em todos era impossível não entrarmos reflexões para além do tema central da pesquisa. As mesmas discussões apareciam de formas diferentes. Um ponto que eu ainda não tinha parado para pensar apareceu em todos os encontros. A BIXA INCOMODA. Ela causa desconforto, raiva, repulsa, ódio; mas serve para fazer gozar, para aliviar ou então arrombar.

Quando termino todos os encontros tenho em minhas mãos horas de conversa, relatos de experiência dos mais diversos que surgem das mesmas questões. O que fazer com tanto material e como organizá-lo? Não irei responder estas perguntas; mais à frente você poderá tirar suas próprias conclusões. Explicar esses processos consiste em desviar de determinados caminhos percorridos para que você não tenha seus pensamentos muito induzidos. Continuo desenvolvendo meu trabalho e faltando um mês para a estreia, a professora que acompanhava o estágio me questiona como vou fazer meu site ser acessado, terá um evento de abertura? O link será somente enviado? Início meu último desenvolvimento desse trabalho artístico: o que irei fazer para a estreia?

Nesta disciplina foram desenvolvidos ao todo 9 trabalhos, todos com suas temáticas, estruturas e interesses muito diferente um do outro. Eu fazia parte da equipe técnica do trabalho de uma colega, e em uma vistoria ao local onde seria apresentado o trabalho, vejo uma grande sala com uma pia de pedra que contornava quase todas as paredes, um teto alto com entradas de luz do sol, pias torneiras, armário de metal, um quadro verde e bem no

centro. Meu lampejo²¹, uma mesa branca com tampo de madeira e estrutura de ferro com cadeiras ao redor.

O cenário apareceu em minha mente e entrou perfeitamente na dramaturgia do meu site, um necrotério. Idealizo que o público entrará nesta sala, eu estarei deitado sob a mesa e de alguma forma irei colocar um QR colde para que consigam acessar meu trabalho. A sala que me fez ter a ideia deste acontecimento presencial não estava disponível para ser utilizada, busco então salas que tenham as mesmas características ou que se assemelhem ao máximo. Faltando um mês, inicio praticamente um trabalho do zero, pensar o público no espaço, qual experiência ele terá, qual figurino usarei, o que vou fazer em cena, qual o tempo de duração, como colocar o QR colde em cena?

Quero que veja brevemente por onde passei, muitas questões ficaram de fora. Seguirei tentando construir um cenário para que você consiga entrar neste trabalho sem perder o máximo da experiência. Você público, entra em contato com meu trabalho através da rede social:



Imagem 13

²¹ Lampejo: uma rápida ideia que surge.



CIRCULANDO VII
CURSO DE DANÇA UFU

RELEASE

Preto, 65 kg, Altura 1.83, Nascimento 14/09/2000, Naturalidade Uberaba Minas Gerais.

Classificação indicativa: 16 anos

FICHA TÉCNICA

Criação e Performance: Bruno Ribela

Dramaturgia: Bruno Ribela

Colaboração: Lu Luciana, Júlia Alves, Juscelino Mendes, Victoria Burim, Milene Chinguio, Ayla Brogio, Larissa Souza, Yumi Ishikawa, Theo Dubeux, Hariane Eva e Lenine Salvador

Foto de divulgação: Alexis F.S.

Orientação: Cláudia Müller

INCENTIVO:      APOIO:    

Imagens 14

Imagens 13, 14: Arte de Divulgação, disponível no instagram <https://www.instagram.com/p/CgiECI5MZt3/>

Sábado à noite, você decide ir acompanhar a programação do evento, caminha em direção ao bloco 1L, sala 235. A noite está quente e você começa a encontrar outras pessoas que também estão indo assistir o trabalho.



Imagem 15

Um aviso é dado antes da porta se abrir.

Não é permitido tocar no corpo, fotos e vídeos não são permitidos. A duração será de meia hora, é permitido entrar e sair quando quiser e se deslocar pelo espaço.

Em seguida a porta se abre.

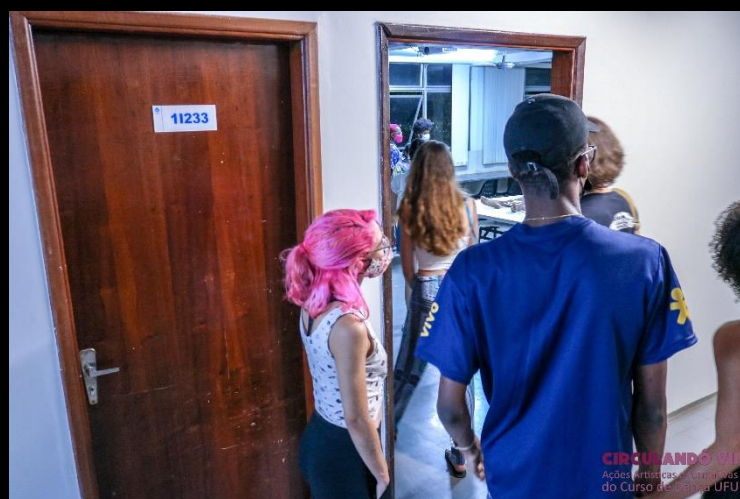


Imagem 16

Você junto com as demais pessoas começa a entrar na sala.



Imagem 17

Ao entrar na sala um corpo Preto e nú está deitado em uma mesa, coberto com plástico transparente da cabeça até os tornozelos.

Cadeiras pretas estão dispostas ao redor,
As pessoas começam a se sentar,
Algumas logo já se aproximam do corpo.
O analisam.
Imóvel o corpo permanece o tempo todo



Imagem 18

Repara que no pé esquerdo existe uma etiqueta presa.



Imagem 19

Assim que percebe o QR colde se direcionado para o escanear.

Em seguida é direcionado a um site.



Imagem 20



Imagem 21

Procura um lugar para ficar em mexer no site.
Ali, de frente a um corpo preto você se coloca,
O observa e começa a navegar em seu celular.

Pessoas entram e saem e o corpo permanece imóvel,
A única parte do seu corpo que se mexe são seus olhos.



Imagem 22

Com o passar do tempo o corpo respira sob o plástico.
Ele esquenta, sua e embaça.
O silêncio na sala se instaura desde o primeiro segundo,
Pequenos sons ecoam muito facilmente.
Sons de vídeos e áudios que estão dentro do site são ouvidos baixo.

SUSSURROS



Imagem 23



Imagem 24

Imagens 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24. Acervo pessoal. Fotógrafo Alexis Silva

Aos poucos todas as pessoas vão saindo ficando novamente o corpo sozinho na sala.

A porta se fecha e o trabalho se encerra.

Convido você que está me lendo de todas as formas possíveis,
experienciar a navegação pelo site.



Imagem 26: QR code de acesso ao site <https://brunoribela.wixsite.com/my-site>

A criação do estágio passou por muitos caminhos e mudanças, seu desenvolvimento ocorreu junto a toda essa escrita, olho para o todo e sinto orgulhoso de todas as vezes que me perdi, e que mesmo assim cheguei aqui. E você, se perdeu? Como último ato deste texto, uma última dança.

MAIS UM DIA

Terça feira, 22 de novembro de 2022, eu apresentei meu último trabalho artístico da graduação. O evento no qual me apresentei se chama Sala Aberta, este é um evento que dura uma semana, nele são apresentados trabalhos desenvolvidos por aluno, técnicos e ou professores do curso de Dança da UFU. Durante o período de realização são ofertadas oficinas, rodas de conversa e sessões de feedback para artistas que desejarem ter um retorno de seus trabalhos. Após o estágio fiquei com a vontade de testar a possibilidade de criar trabalhos presenciais que surgiriam de materiais que compõe o site. O uso de um termo dentro do site, EVOCAÇÕES, é pensando para que seja quase como um processo ritualístico que convoca a materialização de determinado trabalho para o formato físico.

Para o estágio evoquei o trabalho UM CORPO, mesmo as pessoas estando presencialmente no ambiente conseguiam acessar imagens deste trabalho. Para a apresentação do Sala Aberta, propus o trabalho FALORGIA. Como característica já determinada, minhas ações são simples. Me coloco ajoelhado, sentado sobre meus pés. Utilizo uma camiseta branca com mangas rasgadas e botões abertos, a camiseta tampa todo o meu quadril dando a impressão de estar somente com ela. O trabalho tem duração prevista de uma hora. Para esta evocação utilizo alguns elementos diferentes do que aparece no site.

Um caixote de madeira, um tampo de mdf de 60 cm redondo, uma vasilha de alumínio, um picador de metal, três kilos de argila cinza, um copo de vidro com água, um pedaço de pau e um boneco seco de argila. Me posiciono sentado no saguão no bloco 5U, descalço e com um QR colado na testa, escolho ficar perto dos bancos na área que tem um chão de terra vermelha. O horário de acontecimento é às três e meia da tarde. Meu trabalho acontece em sequência de outra apresentação.

O público sai de um trabalho e já estou em cena, posicionado. Espero a maioria se acomodar pelo espaço e inicio minhas ações. Pego o boneco de argila com a mão esquerda e o seguro, com a direita começo a bater nele com o pedaço de pau até quebrá-lo ao máximo que conseguir. Pego todos os pedaços e os coloco dentro da vasilha de alumínio, em seguida despejo a água do copo de vidro e deixo os pedaços submersos.

Enquanto os pedaços ficavam na água, pego um pouco de argila e começo a moldar um pênis, utilizo da água dentro da vasilha para molhar meus dedos, conseguir

umedecer a argila e trabalhar melhor na moldagem. Começo a fazer vários paus de argila, de tamanhos, formas e detalhes diferentes. Quando Terminava de fazer um falo de argila pegava algum pedaço do boneco quebrado e o manipulava, tentava ver se já estava maleável, se conseguia moldá-lo. Conforme mais tempo esses pedaços passavam na água mais eles voltavam à textura das outras argilas.

Uma hora em cena sem me mover do lugar, o sol que tocava meu corpo já havia se escondido, várias pessoas vindo até a mim e colocando seus celulares na minha testa. Minhas pernas completamente dormentes e todo o tampo de madeira repleto de paus, sacos, e cabeças feitos de argila. O boneco quebrado é aos poucos inserido na grande massa de argila, conforme ia se umedecendo. A grande parte do público permaneceu durante todo o tempo assistindo minha ação. Termino a ação com três quilos de paus de argila moldados. Me levanto e saio de cena.

Após terminar minha apresentação começo a desmanchar o cenário, utilizo de uma sala de convivência do bloco da dança para guardar minha mochila, trocar de roupa e me limpar. Dentro da sala se encontrava algumas pessoas que assistiram a uma parte deste trabalho. Recebo lá dentro os parabéns de um aluno preto recém ingressado no curso, falando que meu trabalho era extremamente necessário, que havia se identificado em várias questões, tanto com o acontecimento presencial quanto com os materiais dentro do site. Agradeço e sigo arrumando meus elementos cênicos. Ele sai da sala e ficam no ambiente duas pessoas, estas formadas no curso de teatro. Uma delas, um gay branco após ouvir as colocações do rapaz que havia saído não se segura e fala.

- Muito interessante seu trabalho, mas deixa eu perguntar, alguma daquelas pirocas de argila que você fez em cena se parece com a sua?

La estava eu, após uma hora de trabalho de frente para uma gay branca que não conseguiu se aguentar de curiosidade. O que fazer nesta situação? Sendo uma bixa preta aprendi a sempre me esquivar, dei uma risadinha e respondi.

Só tem um jeito de descobrir –

Respondo o mais rápido e me retiro da sala para não ter que continuar a lidar com aquela situação. O choque com aquela pergunta me deixou desnortado. Como pode a pessoa ver este trabalho e me fazer essa pergunta? O que mais me incomodou foi não ter conseguido me colocar firme frente a esta pergunta, como sempre o automático é mais rápido e para não lidar com a aquilo, façamos rir. Analiso este acontecimento e não me surpreendo. Eu já deveria ter me acostumado, até porque este foi somente mais um dia.

AONDE CHEGAMOS?

O incomodo é um velho amigo da bixa preta. É nestes momentos que aprendemos das piores formas possíveis, a sobreviver. Lambemos nossas feridas e gozamos da dor. Aprendemos a jogar o jogo deles, reconhecemos nossas derrotas logo no começo e podemos daí seguir sem o medo de fracassar, pois essa sempre foi nossa condição.

A bixa preta se coloca a dançar aos sons de vaia, aplausos, gritos, tapas, e faz de cada segundo o seu próprio espetáculo. Através da bixa podemos encontrar intersecções de toda a estrutura do racismo, da homofobia, estereótipos e discriminações. A bixa preta ainda é uma existência que está se consolidando, abrindo seus caminhos e se fazendo existir.

Escolhi para a construção de todas essas páginas e mais páginas iniciar com ensaios, contar sobre alguns momentos vividos, falas ouvidas, reações minhas e de terceiros, pensamentos, para aos poucos lhe mostrar quais discussões estavam presentes. Durante este memorial quando falo de Bixa Preta, precisávamos compreender diversas questões estruturais que são experienciadas simultaneamente. Sem descanso esta seguirá seus caminhos, sobrevivendo nas ruínas de uma estrutura que insiste em se manter de pé. Ao longo de todo o caminho a bixa preta é testada, tendo que sobreviver de suas mortes. É rejeitada enquanto indivíduo, mas desejada enquanto símbolo. Lucas Veiga, quando diz:

Olhar de frente para o confronto, assumi-lo, é espalhar granadas por todo tecido social, provocar explosões micro e macropolíticas, desestabilizações do status quo. Perfurar a branquitude com os ossos da fratura exposta que o racismo produziu em nós e ver o sangue branco se misturar ao nosso sangue negro até que ambos fiquem vermelhos (VEIGA, 2018, p.86.).

Olhar através da bixa preta é estar de frente a toda uma estrutura que busca matar e impedir que ela venha a existir. Se colocar a pensar sobre esta (r)existência é ter que lidar com suas múltiplas opressões. Escolher revisitar minhas memórias com a possibilidade de analisá-las com as ferramentas discursivas antirracistas, entendimento de gênero, performatividade, expressão de gênero, hipersexualização, sexualização do homem preto marginal, objetificação de corpos negros, utilizando do conceito de interseccionalidade me permitiu construir estes caminhos que passamos, podendo compreender como estas estruturas estão interligadas.

Ao longo deste memorial de arte vida tentei possibilitar a você, analisar as minhas intersecções de uma Bixa Preta, as minhas sobrevivências, fabulações e como utilizei de minhas experiências de vida como parte do desenvolvimento de trabalhos artísticos e acadêmicos. Minhas análises são correspondentes a todo o meu passado, sendo assim, cada Bixa Preta terá a sua forma de ser uma falha CISTêmica. Compartilhei minhas lutas com a possibilidade de que outras irmãs possam acessar esta escrita e consigam ver pontos de convergência e até divergência, que estas possam ter suas próprias fabulações

Estou longe de conseguir trazer como estas questões podem ser interrompidas, porém, quanto mais estivermos diante das discussões mais seremos capazes de nos monitorarmos, intervirmos e sabermos lidar com as feridas que nos são feitas e ou podemos fazer. Os problemas estruturais analisados a partir do corpo da bixa preta faz parte da cultura do Brasil, precisamos aceitar suas existências para que sigamos buscando uma forma de se viver livre destes pensamentos. Não sei se isso poderá vir a acontecer, mas cada análise e compreensão possibilita que cheguemos cada vez mais longe nesta caminhada.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

CIA DO SAMBA. **Lá vem o negão**. 1995. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/425tbpa1Mt5LJdDS4hUJcq?si=5ffa324bc7144134>. Acessado em: 2022.

CIDADE de Deus. Direção de Fernando Meirelles. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2002. DVD.

JUP DO BAIRO. **O que pode um corpo sem juízo**. 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/3mGjHfggBNQXxGC9r1L2XR?si=1e63c219b9a84ca9>. Acesso em: 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

L7NNON; DJ BIEL DO FURDUNCINHO. **Ai preto**. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/5vC8UAOHeG95ehRzZChniB?si=5e90a725af8f4f75>. Acessado em: 2022.

LIMA, Eveling Cauani Moraes de; SILVA, Thiago Carneiro da; NEPOMOCENO, Virna Carneiro da Silva. A hipersexualização de corpos negros: o conto “Afrodisíaco”, de Cristiane Sobral e a imagem publicitária da “Devassa”. In: **Revista do Coletivo Senconba**, v.5, n.1, p. 19-32, mar. 2021.

MANDINGO – O fruto da vingança. Direção de Richard Fleischer. Estados Unidos da América, 1975. VHS.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra. Erotismo da Mercadoria**. Paris: La Découverte, 2018.

MC CH DA Z.O; MC MYRES; DANALSO DO RECIFE; EOO KENEDY; DEYVINHO PL. **Escolhe o bandido**. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/3QxKHcpNt6CWNUYCLLBHeZ?si=4187fe3154fc4f85>. Acessado em: 2022.

MC DURRONEY; DJ GB DO DICK. **Quero ver esquecer o pretão**. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/3QxKHcpNt6CWNUYCLLBHeZ?si=5fb8ad4c236544cf>. Acessado em: 2022.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

OLIVEIRA, Romilda Sérgia de. O corpo feminino: erotização e objetificação. IN: **Revista Serviço Social Em Perspectiva**, nº 2 (Especial), p. 497–508. 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/1377>. Acessado em: 2020.

RAYARA, Megg. **O Diabo em foma de gente: (r)exiatência de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação.** Simões Filho/BA: Editora Devires, 2021.

RIBEIRO, Djamila e ALMEIDA, Silvio. Nome do vídeo: **RACISMO ESTRUTURAL.** Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZADKtsNnx74>. Acessado em: 30/10/2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
RODRIGUES. Walter Hugo de Souza. Desmistificando a sensualidade naturalizada do ébano: Um estudo acerca da objetificação do corpo do homem negro. IN: **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 13, n. 41, p. 267 - 280, jan/Jun. 2020. Disponível em: <http://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acessado em: 2022.

RODRIGUES. Walter Hugo de Souza. Desmistificando a sensualidade naturalizada do ébano: Um estudo acerca da objetificação do corpo do homem negro. Negro; sensualidade; Estereótipo; Virilidade; Masculinidade, **Cad. Gên. e Tecnol**, Curitiba, v. 13, n. 41, p. 267 - 280, jan/Jun. 2020. Disponível em: <http://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: 2022

SERGÍA, Romilda de Oliveira. **O CORPO FEMININO: erotização e objetificação.** Montes Claros, ed. especial, p. 497 - 508, mar. 2018.

SOBRE O PRAZER DELES: #3 Todo negro tem Puzão?. [Locução de]: Uno Vulpo; Leandro Neko; Lucca Najjar. Entrevistada: Rafael Zulu; Fabio Souza. [S.l.]: Duda Bernardez. Globoplay, 22 jun. 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/podcasts/episode/sobre-o-prazer-deles/4d3b222f-25c9-4143-9306-311f07b3c1dc/> Acessado em: 30/10/2021.

SULURICO, Whander. Byxa-Travesty-ByxaTravesty-Transbyxa-Transvestygênera: Desobediências Cistêmicas, Cênicas y Identitárias - Bricolagem de Fracassas. 2021. 350 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teatro) - Universidade Federal de Uberlândia, 2021.

STREVA, Juliana Moreira. **Objetificação Colonial dos Corpos Negros:** Uma leitura descolonial e foucaultiana do Extermínio Negro no Brasil. Pontifícia Universidade Católica: Rio de Janeiro, 2016. (Dissertação Mestrado)

VEIGAS, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. IN: **Tabuleiro de letras**, v. 12, nº 1, p. 77-88, 2018.

ZAMBONI, Jésio. Educação bicha: uma a(na[l])rqueologia da diversidade sexual. 2016. Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, 2016. (Tese Doutorado)